



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA**

VALDECY DE OLIVEIRA PONTES

**O USO DOS PRETÉRITOS PERFEITO (SIMPLES E COMPOSTO)
E IMPERFEITO DO INDICATIVO EM NARRATIVAS ESCRITAS
EM ESPANHOL POR APRENDIZES BRASILEIROS EM
FORMAÇÃO DOCENTE UNIVERSITÁRIA: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA**

Fortaleza

2009

VALDECY DE OLIVEIRA PONTES

**O USO DOS PRETÉRITOS PERFEITO (SIMPLES E COMPOSTO)
E IMPERFEITO DO INDICATIVO EM NARRATIVAS ESCRITAS
EM ESPANHOL POR APRENDIZES BRASILEIROS EM
FORMAÇÃO DOCENTE UNIVERSITÁRIA: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada (Área de concentração: Estudos da Linguagem).

Orientação: Profa. Dra. Laura Tey Iwakami.

Co-orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.

FORTALEZA

2009

P814u

Pontes, Valdecy de Oliveira

O uso dos pretéritos perfeito (simplex e composto) e imperfeito do indicativo em narrativas escritas em espanhol por aprendizes brasileiros em formação docente universitária: uma análise funcionalista / Valdecy de Oliveira Pontes – Fortaleza, 2009.

119p.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Tey Iwakami.

Co-orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Aspecto 2. Pretérito Perfeito 3. Pretérito Imperfeito 4. Ensino de Língua Espanhola.

I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD 418

VALDECY DE OLIVEIRA PONTES

**O USO DOS PRETÉRITOS PERFEITO (SIMPLES E COMPOSTO)
E IMPERFEITO DO INDICATIVO EM NARRATIVAS ESCRITAS
EM ESPANHOL POR APRENDIZES BRASILEIROS EM
FORMAÇÃO DOCENTE UNIVERSITÁRIA: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada (Área de concentração: Estudos da Linguagem).

Orientação: Profa. Dra. Laura Tey Iwakami.

Co-orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.

Aprovada em: 16/09/2009

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laura Tey Iwakami (UECE)- Orientadora

Profa. Dra. Márluce Coan (UFC) – Co-orientadora

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (UFC)- 1º Examinador

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes (UECE) – 2º Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, que fez claro e inteligente o meu pensamento nas horas difíceis.

À minha orientadora, Laura Tey, pela disponibilidade e paciência.

À professora Márluce Coan, minha co-orientadora e amiga, que, com seriedade e competência, acreditou neste trabalho e soube ser compreensiva nos momentos difíceis.

Aos meus professores, que me ajudaram a caminhar com firmeza, em busca do meu ideal.

A todos os meus amigos, em especial, Iara, Andréia e Jeane, pela amizade.

Ao meu irmão Valderlan, pela ajuda nos gráficos e tabelas;

À minha família, pelo amor e carinho.

SUMÁRIO

	Introdução	10
1.	Ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira: algumas considerações	13
1.2.	Métodos de ensino de Língua Estrangeira	13
1.3.	O ensino de Espanhol no Brasil	16
1.4.	O ensino da escrita em Língua Espanhola	19
1.5.	Produções narrativas como <i>corpus</i> de uma pesquisa	21
1.6.	Pesquisas sobre aquisição do Aspecto verbal em Língua Estrangeira	21
2.	Funcionalismo	24
2.1.	Vertentes	26
2.2.	Princípios funcionalistas	30
2.2.1.	Iconicidade	30
2.2.2.	Marcação	32
2.2.3.	Nível semântico-sintático: transitividade	33
2.2.4.	Nível semântico-lexical	35
2.2.5.	Nível textual-discursivo: figura e fundo	36
3.	Tempo, Aspecto e Modalidade	38
3.1.	Tempo	38
3.2.	Aspecto	43
3.2.1.	O Aspecto verbal em Espanhol	45
3.3.	Modalidade	52
4.	Metodologia	56
4.1.	Contexto da pesquisa	56
4.2.	Descrição dos sujeitos da pesquisa	56
4.3.	Procedimentos metodológicos	56
4.3.1.	Restrições e dados desconsiderados	57
4.3.2.	Parâmetros de análise	58
4.3.2.1.	Nível semântico-lexical	58
4.3.2.2.	Nível sintático-semântico: parâmetros de transitividade	60

4.3.2.3.	Nível textual-discursivo: figura e fundo	63
4.3.2.4.	Distribuição dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito e as inadequações em relação aos seus usos lingüísticos nas narrativas	64
5.	Descrição e análise dos dados	65
5.1.	Nível sintático-semântico: parâmetros de transitividade	65
5.1.1.	Número de argumentos	67
5.1.2.	Cinese	69
5.1.3.	Aspecto	70
5.1.4.	Pontualidade	72
5.1.5.	Volitividade	73
5.1.6.	Polaridade	75
5.1.7.	Modalidade	76
5.1.8.	Agentividade	77
5.1.9.	Afetamento do objeto	79
5.1.10.	Individuação do objeto	80
5.1.11.	Considerações em relação aos parâmetros de transitividade	82
5.2.	Nível semântico-lexical: tipos de verbo	87
5.3.	Nível textual-discursivo: figura e fundo	92
5.4.	Distribuição dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito e inadequações em relação aos seus usos lingüísticos nas narrativas	96
6.	Considerações Finais	102
7.	Referências Bibliográficas	106

LISTA DE GRÁFICOS

1	Gráfico 1: Nível de transitividade em formas do Perfeito e do Imperfeito	66
2	Gráfico2: Nível de transitividade em dados válidos	67
3	Gráfico 3: Número de argumentos e uso dos pretéritos	68
4	Gráfico 4: Cinese e uso dos pretéritos	69
5	Gráfico 5: Aspecto e o uso dos pretéritos	71
6	Gráfico 6: Pontualidade e o uso dos pretéritos	72
7	Gráfico 7: Volitividade e uso dos pretéritos	73
8	Gráfico 8: Polaridade e ocorrências de Perfeito e Imperfeito	76
9	Gráfico 9: Modalidade e ocorrências de Perfeito e Imperfeito	76
10	Gráfico 10: Agentividade e ocorrências de Perfeito e Imperfeito	78
11	Gráfico 11: Afetamento do objeto e ocorrências de Perfeito e Imperfeito	80
12	Gráfico 12: Individuação do Objeto e ocorrências de Perfeito e Imperfeito	81
13	Gráfico13: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em todos os dados	83
14	Gráfico 14: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Pretérito Perfeito Simples	83
15	Gráfico 15: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Pretérito Perfeito Composto	84
16	Gráfico 16: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Imperfeito	84
17	Gráfico 17: Tipos de verbos e ocorrências nos pretéritos	88
18	Gráfico 18: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito no Plano Textual-Discursivo: Figura/ Fundo	94
19	Gráfico 19: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito nas narrativas	96
20	Gráfico 20: Ocorrência de equívocos em relação às formas do Perfeito e Imperfeito	97

Resumo

Este trabalho trata dos usos lingüísticos dos pretéritos perfeito e imperfeito nos planos semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo, em narrativas produzidas por professores de Espanhol em formação. Deram suporte a nossa proposta os pressupostos teóricos do Funcionalismo Lingüístico, pesquisas sobre a aquisição do Aspecto verbal em Língua Estrangeira e estudos sobre o Aspecto Verbal. Para a análise dos pretéritos nas narrativas, consideramos os seguintes fatores: parâmetros de transitividade (conforme Hopper e Thompson, 1980), tipos de verbos (conforme Vendler, 1967) e figura e fundo (conforme Hopper e Thompson, 1980). A análise realizada possibilitou-nos verificar que os alunos apresentaram conhecimento em relação aos usos dos pretéritos, no que diz respeito: a) ao grau de transitividade (o perfeito é perfectivo, volitivo, agentivo, cinético e pontual; o imperfeito é imperfectivo, estático, paciente e contínuo); b) aos traços aspectuais, tais como: dinamicidade, duratividade e delimitação no eixo temporal; e c) à distinção discursiva entre informação principal e secundária. Entretanto, foram encontradas algumas dificuldades no tocante aos usos lingüísticos desses tempos verbais, que se deram, principalmente, no plano semântico-sintático: utilização do pretérito perfeito simples no lugar do pretérito perfeito composto, seguida pelo uso do pretérito perfeito simples ao invés do pretérito imperfeito.

Palavras-chave: Aspecto, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Ensino de Língua Espanhola

Resumen

Este trabajo trata de los usos lingüísticos de los pretéritos perfecto e imperfecto en los planos semántico-sintáctico, semántico-lexical y textual-discursivo, en narrativas producidas por profesores de Español en formación. Dieron soporte a nuestra propuesta las principales investigaciones sobre la adquisición del Aspecto verbal en la enseñanza de Lengua Extranjera, así como los estudios sobre el Aspecto Verbal y algunos aportes teóricos del Funcionalismo Lingüístico. Para el análisis de los pretéritos en las narrativas, consideramos los siguientes factores: parámetros de transitividad (conforme Hopper y Thompson, 1980), tipos de verbos (conforme Vendler, 1967) e información prominente y tras fondo (conforme Hopper e Thompson, 1980). El análisis realizado nos permitió verificar que los alumnos presentaron conocimiento con relación a los usos de los pretéritos, con respecto: a) al grado de transitividad (el perfecto es perfectivo, volitivo, agentivo, cinético y puntual; el imperfecto es imperfectivo, estático, paciente y continuo); b) a los rasgos aspectuales, tales como: dinamicidad, duratividad y delimitación en la línea temporal; y c) a la distinción discursiva entre información prominente y tras fondo. Sin embargo, fueron encontradas algunas dificultades en relación con los usos lingüísticos de esos tiempos verbales, que se dieron, principalmente, en el plano semántico-sintáctico: utilización del pretérito perfecto simple en lugar del pretérito perfecto compuesto, seguida por el uso del pretérito perfecto simple en lugar del pretérito imperfecto.

.

Palabras-clave: Aspecto, Pretérito Perfecto, Pretérito Imperfecto, Enseñanza de Lengua Española.

Introdução

A Língua Espanhola é uma das línguas mais estudadas na atualidade. Além disso, é uma das mais faladas, ocupa o terceiro lugar depois do Chinês e do Mandarim. É a língua oficial falada em 21 países e, aproximadamente, 100 milhões de pessoas a têm como segunda língua.

No Brasil, a partir da aprovação e sanção do projeto de lei nº 3.987/00, de autoria do deputado federal Átila Lira, que torna obrigatória a oferta da Língua Espanhola nas escolas públicas e privadas de Ensino Médio, o ensino de Espanhol vem ganhando espaço no cenário nacional.

Também, a implantação do Mercosul (bloco econômico formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) proporcionou uma considerável expansão no uso do Espanhol em nosso país. Aumentou a demanda para aprendizagem desta língua e, como consequência, precisou-se de professores e de materiais didáticos para atender a esse novo mercado.

No processo de aprendizagem do Espanhol, os alunos deparam-se com várias dificuldades, tais como a diferença entre os verbos “ser” e “estar” e o emprego do pretérito imperfeito *versus* o perfeito. Para a distinção entre o pretérito perfeito (simples e composto¹) e o imperfeito, os professores e livros apresentam uma série de explicações que, em muitos casos, são muito gerais. Na maioria das vezes, mencionam que o pretérito perfeito expressa eventos terminados e que o imperfeito denota ações habituais e inacabadas no passado.

Alguns autores têm estudado as diferenças entre os pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol, tais como Castañeda y Ortega (2001), Baralo (2004), Muñoz y Soto (2000). Para eles, a principal diferença reside no fato de o pretérito imperfeito

¹ Segundo Vicente Masip (1999), entre os espanhóis há três terminologias de classificação dos verbos: a de Andrés Bello, e outras duas da Real Academia Española (RAE), a primeira de 1931 e a segunda de 1973. Trabalharemos com a última da RAE, pois é a utilizada atualmente, como parâmetro para a elaboração dos livros didáticos. Dentro dessa classificação, optamos por nomear os pretéritos perfeitos de simples e composto e não de pretérito indefinido e perfeito, pois julgamos a primeira designação mais coerente do ponto de vista semântico.

indicar uma ação no passado, porém, sem informar a sua finalização, em contrapartida, o pretérito perfeito, apresenta uma ação passada cujo desfecho é informado. Conforme Masip (1999), é uma dificuldade para o aluno a utilização desses tempos, inclusive, de acordo com Alegre (2007), até mesmo os docentes, sendo nativos ou não, apresentam uma notável dificuldade na diferenciação desses tempos, no tocante aos usos.

Neste trabalho, abordaremos o uso do Aspecto, em produções escritas por alunos universitários, futuros professores de Espanhol em formação, quando utilizam as formas dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo em Espanhol. Procuraremos descrever e explicar os usos lingüísticos e apontar as dificuldades apresentadas por parte dos alunos.

Nossa pesquisa será realizada no contexto universitário, pois partimos do pressuposto de que a universidade desempenha um papel fundamental na formação de futuros professores de Espanhol. O que se espera é que o aluno, ao concluir o curso, seja proficiente na língua em questão e que possa desempenhar seu papel de forma eficaz, tanto teórica como didaticamente. Procuraremos, nesse trabalho, em relação ao Aspecto verbal, verificar o conhecimento lingüístico desses futuros professores (alunos do Curso de Letras com Habilitação em Espanhol da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), já que o domínio dessa categoria verbal é importante para a comunicação, seja ela oral ou escrita.

A partir do que foi exposto, julgamos que nosso trabalho se justifica por seu aspecto prático, pois se relaciona diretamente com a prática docente, uma vez que as análises das produções escritas, empreendidas ao longo de nossa pesquisa, subsidiarão o trabalho do professor com essa categoria (Aspecto), além de levá-lo a refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Acreditamos que esta pesquisa seja relevante devido à carência de trabalhos, da vertente funcionalista, voltados para o Aspecto Verbal nas produções escritas de professores de Espanhol em formação. Além disso, este trabalho poderá auxiliar futuras pesquisas sobre Aspecto, nos planos semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo.

Esta Dissertação apresenta cinco capítulos. No primeiro capítulo, tratamos de pressupostos teóricos sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira. O segundo capítulo é destinado à exposição de fundamentos teóricos do Funcionalismo Lingüístico, no que diz respeito às principais vertentes e aos princípios. No capítulo 3, por sua vez, apresentamos as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modalidade. No capítulo 4, expomos os procedimentos metodológicos usados para o desenvolvimento desta pesquisa. Finalmente, no capítulo 5, apresentamos a análise do *corpus* coletado. Ademais, seguem as considerações finais sobre o estudo realizado.

1. Ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira: algumas considerações

Neste capítulo, serão feitas algumas considerações sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira, mais especificamente, sobre a produção textual em Língua Espanhola. Na primeira seção, trataremos dos métodos de ensino de Língua Estrangeira, na seção seguinte, abordaremos o ensino de Espanhol no Brasil. Em seguida, teceremos considerações sobre o ensino da escrita em Língua Espanhola e por último, apontaremos as principais pesquisas sobre a aquisição do Aspecto em Língua Estrangeira.

1.1. Métodos de ensino de Língua Estrangeira

O ensino de Línguas Estrangeiras, entendido como especialidade científica com objetivos e instrumentos próprios, se constitui, fundamentalmente, a partir da 2ª guerra mundial, com importantes precedentes nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. Ao longo de boa parte do século XIX, a influência do modelo de ensino do Latim estende-se para as línguas modernas, através do que conhecemos como método de gramática e tradução. Este método, segundo García (1995), privilegia a aplicação de regras para a tradução de uma língua a outra, com a aprendizagem de palavras isoladas e com o predomínio da língua escrita sobre a oral.

Após este primeiro momento, foi elaborado, ao longo dos anos 50, nos Estados Unidos, o método audiolingual, também conhecido como audiolingualismo, derivado dos princípios da lingüística estrutural, desenvolvidos por L. Bloomfield. Este método corresponde ao interesse pela forma mais que pelo uso da língua e objetiva o desenvolvimento de hábitos lingüísticos. O trabalho do professor limita-se, em grande parte, à aplicação passiva e mecânica do modelo prescrito pelo método: introdução do novo material lingüístico, com explicações gramaticais quando forem necessárias, e o controle da produção oral dos alunos mediante um procedimento de imitação e repetição.

De acordo com García (1995), surge, num segundo momento, o método nocional-funcional, como reação a esta abordagem estrutural. Ele constitui o primeiro passo de uma corrente pedagógica, no campo do ensino de Línguas Estrangeiras, que se conhece como enfoque comunicativo ou ensino comunicativo de línguas. Esse método privilegia as funções comunicativas que os usuários da língua utilizam em uma situação de interação verbal.

Conforme Santos Gargallo (1999), este enfoque comunicativo destaca o caráter funcional da língua como instrumento de comunicação, de maneira que são as funções lingüísticas o foco da aprendizagem. Desse modo, introduz-se o conceito de competência comunicativa no âmbito do processo de ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras, concebida por Hymes (1978) como a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação: sua aplicação, nos diversos contextos de uso real da língua, considera que a linguagem deve ser apropriada a cada situação em que ocorre a comunicação e prioriza o interlocutor. Deve-se a Hymes (1978) a ampliação do conceito de *competência chomskiana* por incluir a idéia de uso.

A partir do conceito proposto por Hymes (1978), Canale e Swain (1980, p. 28-31) oferecem um arcabouço teórico para a descrição dos diferentes tipos de competência. O modelo final desses autores inclui quatro tipos de *competência*, a saber:

- a) *competência gramatical*: implicando o domínio do código lingüístico, a habilidade em reconhecer as características lingüísticas da língua e usá-las para formar palavras e frases;
- b) *competência sociolingüística*: implicando o conhecimento das regras sociais que norteiam o uso da língua, compreensão do contexto social no qual a língua é usada;
- c) *competência discursiva*: diz respeito à conexão de uma série de orações e frases com a finalidade de formar um todo significativo;
- d) *competência estratégica*: como a *competência comunicativa* é relativa, estratégias de enfrentamento devem ser usadas para compensar qualquer imperfeição no conhecimento das regras.

Nesta abordagem comunicativa, segundo Silveira (1999, p. 68), temos uma atitude construtiva do erro do aluno. Segundo Corder (1992) o erro pode evidenciar o estágio de aquisição em que o aprendiz se encontra, dentro do processo natural de testagem das suas hipóteses sobre as regras da língua.

Por outro lado, no final da década de 80, dando continuidade a abordagem comunicativa, surge uma nova orientação metodológica, denominada “enfoque por tarefas” (D. Nunan, 1989), que amplia e define, segundo Santos Gargallo (1999), os procedimentos didáticos que garantem a obtenção da competência comunicativa, objetivo da aprendizagem de uma segunda língua ou estrangeira.

Após vinte anos de aplicação dos princípios comunicativos, segundo Santos Gargallo (1999), surgem algumas críticas, dentre as quais elencamos algumas, que são: carência de reflexão sobre como se aprende uma língua; as atividades comunicativas proporcionam contextos para a simulação da comunicação, mas não criam verdadeiros espaços de comunicação, e assim, não tornam viável o desenvolvimento dos processos que produzem uma comunicação efetiva.

Neste contexto, define-se o enfoque por tarefas como uma alternativa ao processo de ensino e aprendizagem de Línguas Estrangeiras que aceita os princípios fundamentais da abordagem comunicativa e introduz a tarefa como procedimento didático, para gerar, na sala de aula, autênticos processos de comunicação. O conceito de tarefa é definido por D. Nunan (1989 apud Gargallo, 1999, p. 54) como: “uma unidade de trabalho na sala de aula que envolva os alunos na compreensão, manipulação, produção ou interação na língua estrangeira, enquanto a sua atenção está concentrada mais no significado que na forma em questão”.

Com o advento das novas tecnologias, temos a ampliação significativa do uso de tarefas que têm como suporte o computador. No entanto, neste contexto atual, temos nos materiais midiáticos, além dos problemas existentes nos materiais impressos, outros por conta da adaptação ao novo suporte: o computador. Segundo

Coscarelli (2005), não podemos esperar que as novas tecnologias revolucionem o ensino e que resolvam todos os problemas, pois elas constituem novos instrumentos e ferramentas para o trabalho docente que devem ser bem manejadas no processo de ensino e aprendizagem.

1.2. O ensino de Espanhol no Brasil

Devido à aprovação e sanção do projeto de lei nº 3.987/00, de autoria do deputado federal Átila Lira, que torna obrigatória a oferta da Língua Espanhola nas escolas públicas e privadas de Ensino Médio, de acordo com Fernández (2005), percebe-se que o ensino de Espanhol no Brasil vem ganhando espaço gradativamente. Além disso, vale salientar, que o interesse pela aprendizagem dessa língua tem crescido devido às relações comerciais que se estabelecem entre o Brasil e os países vizinhos hispanofalantes pelo MERCOSUL, e conseqüentemente tem aumentado a demanda pelo ensino de Espanhol.

Com relação ao ensino dessa língua, verificamos a crescente demanda por professores de Espanhol. Verifica-se, no entanto, certos problemas, como por exemplo, segundo Fernández (2005, p.26): “oferecem postos de professores a pessoas que simplesmente falam Espanhol, às vezes com graves deficiências²”.

No tocante à formação de professores de Espanhol, essa tarefa recai sobre as universidades brasileiras. Devido à demanda crescente por estes profissionais, o número de Cursos de Licenciatura em Letras-Espanhol vem crescendo anualmente, no entanto, ainda segundo Fernández (2005), somente duas universidades oferecem pós-graduação em nível de mestrado e doutorado em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana: a USP e a UFRJ.

² Tradução nossa da seguinte citação: “ofrecen puestos de profesores a personas que simplemente habla español, a veces con graves deficiencias.”

Com relação ao processo de ensino-aprendizagem dessa língua a alunos brasileiros, segundo Boésio (2003), a semelhança entre as duas línguas neolatinas, ajuda no primeiro momento de aprendizagem. No entanto, num estágio mais avançado, as semelhanças entre as duas línguas não isentam o aluno das dificuldades que existem na aprendizagem dos níveis fonético-fonológico, morfossintático ou léxico-semântico, por exemplo, no uso inadequado de falsos amigos (palavras derivadas do latim e que aparecem em Português e Espanhol, mas com significados distintos). Por exemplo, a palavra “largo” quer dizer em Espanhol comprido e não largo como em Português.

De fato, percebemos que, no início da aprendizagem, os alunos acreditam na facilidade de aprender uma língua próxima e começam estimulados, mas, no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, as dificuldades aparecem e, muitas vezes, eles tendem a parar e não avançam de forma significativa. Dentre as dificuldades, destacamos as encontradas na aprendizagem dos verbos. O ensino deste conteúdo limita-se, muitas vezes, à exposição de uma estrutura fixa, sem levar em consideração os usos lingüísticos, ou seja, foca-se muito na forma em detrimento das funções comunicativas próprias do contexto de interação verbal, fato que limita um aprendizado efetivo no estudo dos verbos.

Os estudos sobre Língua Espanhola e o seu ensino no Brasil estão, profunda e inevitavelmente, marcados por um tratamento contrastivo. O impulso por encontrar os pontos de separação entre duas línguas com raízes comuns, como o Português e o Espanhol, que guardam uma inegável e considerável proximidade entre si, permeia todo o processo de ensino-aprendizagem de Espanhol pelos brasileiros, conforme González (2007).

Segundo González (2007), a primeira **Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros**, de Antenor Nascentes, da década de 30 do século passado, possui uma orientação contrastiva,. Em sua introdução, o autor parte de uma espécie de crença que recorre do senso comum, tal como se apresenta em Celada e González (2005 apud Orientações Curriculares Nacionais (OCN), 2005, p. 62), sobre a grande semelhança entre o Português e o Espanhol, e do que deveria contemplar, fundamentalmente, no momento de ensiná-las como línguas estrangeiras (a lusofalantes e hispanofalantes): “fixar especialmente o que é diferente nas duas línguas”. Conforme

González (2007), as línguas que se observam, comparam-se e contrastam-se constituíam, então, objetos sumamente idealizados e homogêneos, ou seja, não se consideravam as particularidades de cada língua. Muito tempo passou, desde as primeiras tentativas, houve mudanças teórico-epistemológicas muito grandes, os estudos contrastivos e mesmo o conceito de transferência/interferência, tantas vezes criticados, ganharam outras bases, no entanto, continua-se a admitir a posição de que a língua materna desempenha um papel crucial no desenvolvimento de uma Língua Estrangeira.

Vale salientar, ainda, a questão da variação lingüística, ou seja, diante da imensa diversidade lingüística distribuída nos inúmeros países de Língua Espanhola, deve-se decidir quais variantes apresentar aos alunos em formação para serem futuros professores de Espanhol e aos estudantes de Espanhol como Língua Estrangeira, seja na escola ou em cursos de idiomas. Os OCN (2005, p. 136) propõem ao professor: “mostrar aos alunos que existem outras (variantes) tão ricas e válidas quanto a usada por ele, e, dentro do possível, criar oportunidades de aproximação a elas, derrubando estereótipos e preconceitos”. A variação lingüística é essencial para que o aluno alcance a competência sociolingüística, que por sua vez é primordial para a competência comunicativa.

Um outro problema a ser destacado é a descontextualização no ensino da gramática. Por exemplo, no tocante ao ensino dos verbos, o professor, em suas explicações gramaticais, prioriza a forma, no que diz respeito à conjugação dos tempos verbais, em detrimento de um trabalho efetivo a partir dos efeitos de sentido das diversas formas verbais em um contexto comunicativo de uso. Segundo Jovanovic (1986, p. 153): “o ensino de Línguas Estrangeiras sempre manteve a gramática em lugar de destaque, dando aos exercícios estruturais um lugar privilegiado, como se mediante a sua realização, o aluno pudesse vir a ser treinado para produzir respostas sempre corretas”. Além disso, nas atividades relacionadas ao texto, encontramos, em sua maioria, questões que pedem ao aluno o significado de algumas expressões isoladas do contexto comunicativo em que ocorreram.

Na próxima seção, exporemos algumas considerações sobre as orientações para o ensino da escrita em Língua Espanhola.

1.3. O ensino da escrita em Língua Espanhola

Segundo Alonso (2003), as atividades de expressão escrita estão um pouco abandonadas nos últimos anos, por serem consideradas parte dos métodos tradicionais e pela grande valorização dada à expressão oral. No entanto, mais recentemente, são muitos os autores que reivindicam a importância da expressão escrita, portanto tem havido uma revisão das atividades.

De acordo com García et alli (1995), o objetivo do ensino da expressão escrita é o de desenvolver os mecanismos para que o aluno possa se comunicar por escrito. Isto é muito semelhante ao que propõem as Orientações Curriculares para o Ensino de Espanhol no Brasil (OCN's) do Ministério da Educação (MEC), que recomendam o desenvolvimento da produção escrita do aluno para que ele possa expressar as suas idéias e sua identidade em espanhol.

Para que isso ocorra efetivamente, temos que levar em consideração que, como toda habilidade, a produção escrita só pode ser desenvolvida por meio da prática contínua tanto na sala de aula como fora dela.

Segundo Alonso (2003), hoje, a expressão escrita é considerada uma habilidade concreta, na qual intervêm: conhecimentos gramaticais, processos cognitivos, recursos técnicos e estilísticos em que se ativam estratégias comunicativas. Segundo a autora, nesta nova concepção, é necessário levar em consideração as contribuições da lingüística textual e da análise do discurso que defendem que escrever textos é construí-los.

Para Cassany (2005), uma única versão de uma produção escrita dificilmente poderá representar a capacidade expressiva de alguém, de modo que as avaliações escritas mais válidas costumam considerar vários textos, de temas, registros, funções e extensões variados, que estejam de acordo com os interesses e as necessidades do aprendiz.

Segundo González (2003), na hora de ensinar ou de praticar esta habilidade, primeiro devemos planejar os macroatos verbais ou funções comunicativas. Uma vez definida nossa intenção, devemos selecionar os atos focais, ou seja, as proposições necessárias para desenvolver o objetivo comunicativo. Mas, ao mesmo tempo, necessitamos organizar o conteúdo, o gênero textual, para estruturá-lo e dar-lhe forma, isto é, os atos capacitadores.

Nos alunos de nível elementar (semestres iniciais), não se percebe grande diferença entre o que escrevem e o que falam. Mas esta diferença aumenta consideravelmente à medida que o estudante avança, chega ao nível superior (últimos semestres) com a famosa página em branco e a angústia que lhe causa esta situação, na hora de produzir um texto escrito. Dessa maneira, o professor tem que saber seqüenciar as etapas da produção escrita, levando em consideração o nível do aluno, ou seja, a complexidade da produção escrita deve ir paralela ao nível de língua que o aluno possui. Para que isso aconteça, o professor deve oferecer exercícios que satisfaçam as necessidades que sentem os alunos de comprovar o nível global de fluência que têm na língua em questão.

Segundo Alonso (2003), os professores de Espanhol como Língua Estrangeira- E/LE, no Brasil, não foram formados no ensino dessa habilidade; havia poucos manuais e os artigos publicados sobre E/LE se ocupavam pouco da expressão escrita, logo, devido a estes fatores, o trabalho com esta habilidade esteve muito prejudicado durante muito tempo. Por outro lado, essa realidade, segundo a autora, está mudando consideravelmente, nos últimos anos.

Para um trabalho efetivo com a expressão escrita em sala de aula, Alonso (2003, p. 138) propõe que o professor de Língua Espanhola:

a) trabalhe as atividades de escrita como um processo contínuo, e não como produto final e acabado.

b) para acabar com a inibição inicial do aluno, proponha uma atividade para introduzir o tema da produção textual e deixe o aluno tranquilo com relação à questão da correção.

c) parta da experiência pessoal do aluno, seu conhecimento de Língua Espanhola, sua vivência.

d) faça de sua aula um ponto de encontro com a criação; um espaço para as dúvidas gramaticais, para os debates e para as discussões sobre os textos produzidos e apreciados.

1.4. Pesquisas sobre aquisição do Aspecto verbal em Língua Estrangeira

As pesquisas sobre aquisição de Tempo e Aspecto em Espanhol como segunda língua tiveram início na década de 90. Segundo Andersen (1986), a aprendizagem da morfologia verbal está associada com o Aspecto Lexical inerente ao verbo: o pretérito primeiro aparece para expressar culminação, depois para os processos culminados, seguidos pelas atividades e pelos estados. Já o imperfeito, segundo Lafford (2000), está associado a eventos atélicos (estados e atividades³) e depois a eventos télicos (processos culminados e culminações⁴). Segundo Laguna (2008), esta hipótese apóia-se em vários estudos realizados por Andersen (1991), Bardovi-Harling & Reynolds (1995), Bergstrom (1995) e Robinson (1995).

A Hipótese do Discurso foi proposta pela primeira vez por Bardovi-Harling, em 1994, a partir da pesquisa da lingüística funcional de Hopper. Nessa perspectiva, Bardovi-Harling (1995) propõe a hipótese do discurso para o desenvolvimento do nível

³ Esses conceitos propostos por Vendler (1967) serão explicitados no capítulo 2.

⁴ Esses conceitos propostos por Vendler (1967) serão explicitados no capítulo 2.

de interlíngua⁵. Essa teoria proposta por Bardovi-Harling (1995) usa a morfologia verbal para diferenciar a figura e o fundo em narrativas. Em seu estudo de aquisição do Inglês como Segunda Língua, Bardovi-Harling (1995) analisou narrativas de estudantes e observou que as formas do perfeito aparecem inicialmente em ações de primeiro plano (figura) e depois em ações de fundo, mas, conforme Comajoan & Pérez Saldanya (2005), seu uso nunca ultrapassa ao do primeiro plano.

De acordo com Liskin-Gasparro (2000), a partir da análise dos níveis de proficiência, o Aspecto Lexical é o primeiro a influenciar no uso da morfologia de Tempo-Aspecto, seguido da distinção entre primeiro plano (figura) e segundo plano (fundo), à medida que o conhecimento do aluno sobre a Língua Estrangeira em estudo aumenta.

Alguns pesquisadores consideraram a possibilidade de que a Hipótese do Aspecto Lexical e a Hipótese do Discurso estejam diretamente relacionadas já que os predicados télicos tendem a estar em ações de primeiro plano (figura), no qual formas do pretérito perfeito ocorrem com maior frequência. Por outro lado, as formas do imperfeito tendem a ser mais comuns nas ações de fundo: o campo de predicados atélicos, conforme afirmam Fleischman (1990), Givón (1984) e Hopper e Thompson (1984). A partir desses estudos, López Ortega (2000) desenvolveu uma pesquisa com o objetivo de comprovar essa tese. Para isso, examinou as entrevistas de quatro imigrantes de Marrocos falantes de Espanhol, residentes em Madri. As entrevistas foram planejadas para se obter narrativas pessoais sobre experiências passadas. De modo geral, os resultados obtidos revelaram que há evidências da interação da Hipótese do Aspecto e da Hipótese do Discurso na aquisição do sistema aspectual. Verificou-se que os verbos de estados tomaram a forma do imperfeito para marcar a informação de fundo, já os verbos de culminação presentificados nas formas do pretérito perfeito foram usados para expressar a informação em primeiro plano (figura).

⁵ De acordo com Santos Gargallo (2004), a interlíngua corresponde ao sistema lingüístico utilizado pelo aprendiz de uma Língua Estrangeira, possui características da sua Língua Materna e da língua que está aprendendo. Este sistema atravessa por sucessivas etapas marcadas por novos elementos da Língua Estrangeira, que o aprendiz interioriza.

Outro estudo importante foi o realizado por Harley e Swain (1978). Eles entrevistaram estudantes de francês e constataram o uso do pretérito perfeito para ações e do imperfeito para os verbos de estado.

No tocante à análise de usos inadequados, o estudo realizado por Spilka (1976) sobre a produção oral de vinte estudantes de Francês revela que a grande maioria das inadequações consistia em usar o pretérito imperfeito no lugar do pretérito perfeito, o que acarretava problemas de comunicação referentes à compreensão de algumas características da ação verbal: duratividade e telicidade⁶.

Nesta pesquisa, as hipóteses acima serão testadas ao analisarmos, no capítulo cinco, os tipos verbais (conforme proposta de Vendler 1967)⁷ e os planos discursivos (conforme proposta de Hopper e Thompson (1980) ⁸, em narrativas de alunos brasileiros estudantes de espanhol em curso universitário.

⁶ Telicidade refere-se à finalização da ação verbal.

⁷ A exposição da classificação tipos de verbos proposta por Vendler (1967) será realizada no capítulo 2 sobre o Funcionalismo Lingüístico.

⁸ Os planos discursivos propostos por Hopper e Thompson (1980) serão abordados no capítulo 2 sobre o Funcionalismo Lingüístico.

2. Funcionalismo

Neste capítulo, serão feitas algumas considerações teóricas sobre o Funcionalismo lingüístico, que orientarão a análise das produções escritas, empreendida nessa pesquisa, nos níveis semântico-lexical, semântico-sintático e textual-discursivo.

O Funcionalismo insere, no estudo da estrutura gramatical de uma dada língua, o contexto de interação em que dada estrutura é utilizada; logo, enfoca as várias funções desempenhadas pela referida estrutura, considerando-se as condições de uso. Segundo Cunha (2008, p.157), “a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições em que se verifica esse uso”. Essa corrente lingüística considera o uso orientado pelo contexto de interação, ou seja, a estrutura é motivada pelo propósito comunicativo.

O Formalismo, por outro lado, privilegia a forma através do estudo das estruturas da língua, em detrimento do uso. Há, nessa corrente lingüística, a concepção de língua como um sistema abstrato, regido por leis próprias, dotado de homogeneidade e autonomia, estando, portanto, excluída a fala. Nesse sentido, essa corrente se contrapõe ao Funcionalismo, pois este privilegia as funções desempenhadas pela língua. Ademais, concebe que essas funções externas (contexto de interação, interlocutores, situação comunicativa) influenciam na organização do sistema lingüístico, e sob este paradigma, há um enfoque na função e não na forma. Além disso, o Funcionalismo, segundo Cunha (2008), procura trabalhar numa perspectiva comunicativa, ou seja, com dados reais de fala e de escrita provenientes de contextos efetivos de comunicação, diferentemente do que ocorre em um estudo formalista que parte de frases isoladas do seu contexto de produção.

A primeira corrente lingüística formalista foi o Estruturalismo europeu, iniciando com a escola de Genebra, seguido pela escola de Copenhague, fundado em 1931. Ela foi inspirada nos conceitos de língua, discurso, sincronia e estrutura de Saussure. Ainda na década de 30, temos o estruturalismo de Bloomfield que era tipicamente analítico e descritivo. Seu foco é o estudo da morfologia e da sintaxe a partir da frase, considerada por ele como unidade máxima analisável. Nesse sentido, não explica os fatos lingüísticos a partir da situação comunicativa em que ocorreram, mas explica os usos destes de forma abstrata, enquanto faz a descrição deles e propõe regras tipicamente estruturais, ou seja, centradas na forma e não nas funções que podem desempenhar num contexto de interação verbal. Portanto, temos a exposição de estruturas isoladas do contexto situacional, numa abordagem realizada a partir de exemplos artificiais e soltos.

Na década de 50, surge outra corrente lingüística formalista, o Gerativismo. Seu objeto de estudo é a competência de um falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade lingüística homogênea. O Gerativismo explica a aquisição da linguagem pelo ser humano a partir de uma capacidade específica inata (dispositivo de aquisição da linguagem) que ele tem para a aquisição de uma língua. Vale salientar, ainda, que essa corrente lingüística desconsidera o condicionamento do sistema lingüístico pelas variáveis externas, concebendo as estruturas da língua como autônomas e independentes.

Sobre as diferenças existentes entre o Gerativismo e o Funcionalismo, Votve (1992, p.64) afirma que: “as diferenças fundamentais ficam por conta da concepção de linguagem e da opção explícita do funcionalismo de trabalhar com dados reais de produções concretas, em situação de comunicação”. Além disso, para os funcionalistas, o elemento indispensável para o desenvolvimento da linguagem humana, como bem afirma Cunha (2008, p. 158) é:

...um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana. Assim, a visão funcionalista de cognição assume que a linguagem reflete processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos.

Na seção seguinte, traçaremos um breve histórico sobre as principais vertentes do funcionalismo; a posteriori, deter-nos-emos na vertente norte-americana que dará suporte a nossa pesquisa

2.1 Vertentes

As primeiras considerações de cunho funcionalista surgem a partir da escola de Praga, que se originou no Círculo Lingüístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém Mathesius. Conforme Cunha (1998, p. 159): “esses lingüistas se opunham à distinção nítida entre sincronia e diacronia, assim como à noção de homogeneidade do sistema lingüístico.” Na realidade, há, nessa vertente, uma reação aos princípios propostos pelo estruturalismo, que privilegia a forma em detrimento da função. De acordo com Nogueira (2006, p.25): “o funcionalismo praguense caracteriza-se então pela consideração das funções dos meios lingüísticos, tendo em vista as necessidades de comunicação e expressão dos indivíduos.”

Há uma tentativa de inserir a interação verbal (fala) nos estudos da língua, já que Saussure concebia a língua como homogênea e excluía a fala, por considerá-la caótica e de difícil sistematização. As duas principais contribuições do funcionalismo praguense são: a noção de perspectiva funcional da sentença e o dinamismo comunicativo. Em oposição à análise focada, exclusivamente, na forma das sentenças, praticada pela maioria dos estruturalistas da época, Mathesius propõe a divisão da sentença em tema (dado), informação conhecida pelo leitor, e núcleo (rema) que constitui um novo dado acrescido ao tema. O dinamismo comunicativo, conceito proposto principalmente pelo checo Firbus, segundo Nogueira (2006, p. 25): “diz respeito ao fato de que os elementos lingüísticos contribuem em medida diferente com o processo de comunicação, isto é, na frase, distribuem-se elementos com diferentes graus de relevância”.

Outro aporte funcionalista de grande contribuição é o da escola inglesa a partir de Halliday, hoje conhecida como escola de Sidney. De acordo com Cunha (2008, p. 162): “a teoria funcional de Halliday, que surge na década de 1970, está centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções de enunciados e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura.” Para Halliday, o sistema lingüístico está organizado a partir de um conjunto de componentes funcionais que se organizam em três metafunções: ideacional, textual e interpessoal.

Segundo Pezatti (2004), a função ideacional, mais especificamente a experimental, refere-se à interpretação e à expressão de nossa experiência acerca dos processos dos mundos interior e exterior. Neste sentido, a oração é entendida como uma experiência. Por outra parte, a função textual nos habilita a criar um texto, e a oração é entendida, nesse caso, como uma mensagem. Já a função interpessoal nos habilita a participar da situação da fala, usando a linguagem para expressar um julgamento pessoal, uma atitude e para estabelecer, nas relações com o interlocutor, um determinado papel comunicativo.

Halliday concebe a gramática como “natural”, por conta dos usos e se propõe a investigar a língua como ela é utilizada, contemplando o contexto situacional. Além disso, segundo o autor, os componentes do significado na língua são funcionais e os elementos da língua são explicados a partir de sua função dentro do sistema lingüístico. Segundo Nogueira (2006, p. 26): “A proposta do lingüista é de uma teoria sistêmico-funcional do significado como escolha, por meio do qual a língua, como qualquer outro sistema semiótico, é interpretada como rede de opções engrenadas.”

Portanto, é por meio de uma análise das estruturas lingüísticas de um texto, que percebemos o “real” significado de cada termo na construção dos objetivos pretendidos na elaboração do mesmo.

Vale destacar ainda, o Funcionalismo holandês com Simon Dik. De acordo com Nichols (1984), a gramática funcional de Dik foi desenvolvida com o objetivo de remediar dois defeitos da gramática formal da década de 60: sua incapacidade de distinguir elementos funcionalmente distintos, mas categoricamente idênticos e sua incapacidade de capturar a identidade funcional de elementos categoricamente

diferentes. Conforme Nogueira (2006), Dik concebe um modelo de gramática funcional caracterizado como um aporte em que as funções e as regras gramaticais estão intimamente ligadas à pragmática.

Nesse sentido, temos a língua como um instrumento de interação verbal entre os seus usuários, que assumem um papel primordial nesse processo. Em sua análise funcionalista, Dik ressalta, nas relações comunicativas, a relação entre a intenção do falante e a interpretação por parte do destinatário. Partindo desse pressuposto, Dik propõe uma relação hierárquica na qual a sintaxe, juntamente com os outros níveis estruturais da língua, é interpretada a partir da codificação de dois domínios funcionais, são eles: a semântica e a pragmática. Sob esta perspectiva, temos um estudo mais amplo e complexo, não se restringindo à análise de frases isoladas como faziam os estruturalistas.

Nos Estados Unidos, surge um grupo de lingüistas que trata a língua do ponto de vista funcional. Dentre os autores dessa vertente, destacamos: Li e Thompson, DuBois, Talmy Givón, Hopper e Sandra Thompson. Esses autores, apesar de não terem formulado nenhuma teoria geral, empreenderam várias análises que, segundo Nogueira (2006, p.28), “... se constituíram marcos de orientação funcionalista”. Em nosso trabalho, deter-nos-emos nessa vertente norte-americana, mais especificamente, às aportações teóricas de Givón (1995), e de Hopper e Thompson (1980).

De acordo com Neves (2004, p.15) a proposta funcionalista de Givón:

...se fixa particularmente no postulado da não autonomia do sistema lingüístico, na concepção da estruturação interna da gramática como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática (sendo a sintaxe a codificação dos domínios funcionais que são: a semântica, proposicional, a pragmática, discursiva) e no exame dos aspectos icônicos da gramática.

Neste sentido, partimos do pressuposto de que a gramática não é autônoma, mas depende de vários princípios, que serão explicitados na próxima seção, tais como iconicidade, marcação, plano semântico-sintático, plano semântico-lexical e plano

textual-discursivo (cf. Givón, 1995). Além dessa perspectiva de análise, caracterizada pela busca de princípios substantivos para a explicação de fatos gramaticais, presente nos trabalhos de Givón, vale destacar, ainda, os parâmetros elencados por Hopper e Thompson (1980) para a interpretação da oração.

Quanto ao nível sintático-semântico, Hopper e Thompson propõem dez parâmetros de transitividade, para distinguir aquilo que o falante codifica como essencial (figura) e aquilo que serve de suporte (fundo), ou seja, aquilo que é acessório ao que é dito, não contribui para a progressão discursiva. Em uma escala de transitividade (baixa ou alta), os autores apresentam os seguintes parâmetros: a) argumentos; b) cinese; c) aspecto; d) pontualidade; e) volitilização; f) polaridade; g) modo; h) agentividade; i) afetabilidade de objeto; j) individuação de objeto. Esses parâmetros serão explicitados na próxima seção deste capítulo.

Segundo Cunha (2008, p.164), “de acordo com a presença ou ausência desses parâmetros, a cláusula pode ser mais ou menos transitiva. O complexo de transitividade e seus parâmetros individuais se associam a uma função discursivo-comunicativa: a de assinalar as porções centrais e periféricas de um texto narrativo”.

Vale salientar ainda a questão da transitividade e do relevo discursivo, conforme Pezatti (2004, p. 189):

Hopper e Thompson (1980) consideram que há uma alta correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade da sentença, uma vez que o pensamento e a comunicação humana registram o universo individual como uma hierarquia de graus de centralidade/perifericidade a fim de facilitar tanto a representação interna quanto a sua exteriorização para as pessoas.

Devido as suas considerações teóricas, a vertente funcionalista norte-americana (Givón (1995), Hopper e Thompson (1980)) apresenta-se como adequada para fundamentar as análises a serem empreendidas nesta pesquisa, pois baseia-se em

parâmetros, para a análise de fatos gramaticais de uma dada língua, que envolvem as funções cognitivo-comunicativas e semântico-discursivo-pragmáticas. Além disso, os parâmetros propostos por Hopper e Thompson para analisar a transitividade, serão utilizados nesta pesquisa para categorizar os dados na fase de análise.

2.2 Princípios funcionalistas

Nesta seção, apresentaremos algumas considerações sobre três princípios do Funcionalismo que darão suporte a nossa pesquisa, são eles: iconicidade, marcação e transitividade, além disso, trataremos dos planos semântico-sintático (na parte de transitividade), semântico-lexical e textual- discursivo.

2.2.1 Iconicidade

Segundo Lima (2004, p. 31), “iconicidade significa a hipótese de isomorfismo funcionalmente motivado entre estruturas morfossintáticas e suas funções semânticas ou pragmáticas correspondentes.” Podemos, então, entender a iconicidade como a relação equilibrada entre a forma e a função das estruturas lingüísticas, ou seja, entre a estrutura e o significado. Nesse sentido, em lingüística, temos a correlação entre o código lingüístico e a mensagem. Na perspectiva funcionalista, a estrutura da língua reflete, de alguma forma, a estrutura da experiência, portanto o signo lingüístico não seria arbitrário, como concebia Saussure, na relação entre significado e significante.

Em contraposição a essa idéia de arbitrariedade, Peirce (1940), que discordava parcialmente dela, propôs dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A primeira se refere à estreita relação entre um item e seu referente, no sentido de um espelhar a imagem do outro. Por outra parte, a segunda diz respeito a um arranjo icônico de signos, sem necessária intersemelhança.

Podemos verificar, no uso da língua, que existem casos em que a relação entre a palavra utilizada e o seu respectivo conteúdo apresenta estreita relação. Por outro lado, há contextos de interação verbal, nos quais essa relação não está tão transparente. Conforme Givón (1991), não há 100% de iconicidade, ou seja, alguns elementos estruturais não podem ser emparelhados com funções específicas de um modo óbvio; sincronicamente, a relação pode estar opaca, mas é possível o emparelhamento em estágios prévios.

Portanto, segundo Givón (1991), há uma sutil divergência entre a forma e a função, no caso de uma forma ser utilizada para mais de uma função como, por exemplo, a partícula “se”, que pode funcionar, de acordo com a sintaxe tradicional, como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, partícula de realce, pronome reflexivo, pronome recíproco, ou, ainda, como parte integrante do verbo. Vejamos os exemplos a seguir⁹:

- (1) Vive-se muito bem aqui. (se – índice de indeterminação do sujeito.)
- (2) Reformam-se móveis velhos. (se – partícula apassivadora.)
- (3) Lá se vai mais um caminhão de verduras. (se – partícula de realce.)
- (4) O lenhador machucou-se com a foice. (se – pronome reflexivo.)
- (5) Pai e filho abraçaram-se emocionados. (se – pronome recíproco.)
- (6) Os atletas queixaram-se do tratamento recebido. (se – parte integrante do verbo.)

Os princípios icônicos, propostos por Givón (1991, p 98) são:

- a) princípio da proximidade: quanto mais próximos os conteúdos estão

⁹ Esses exemplos foram retirados de: a) CEREJA, William. R.; MAGALHÃES, Cochar. T. **Português: linguagens**. São Paulo: Atual Editora, 2005, p. 214; b) **A função das palavras Se, Que e Como**. (<http://www.geocities.com/Atheus/Crete/5951>)

cognitivamente, mais integrados estarão no nível da codificação.

- b) princípio da quantidade: a quantidade da informação é proporcional a quantidade da forma e vice-versa.
- c) princípio da ordenação linear: a ordem dos elementos no enunciado mostra a ordem de importância destes para o falante.

2.2.2 Marcação

O princípio da marcação foi introduzido pelos linguistas da escola de Praga. Este conceito seria uma reinterpretação da noção de valor lingüístico concebida por Saussure para diferenciar um par contrastivo, ou seja, a distinção entre os membros de uma determinada categoria se dá por meio da presença de uma dada propriedade em um (elemento marcado) e da ausência desta no outro membro (elemento não-marcado).

Segundo Givón (1995), o conceito de marcação pressupõe a noção de complexidade da estrutura da língua, neste contexto, o autor concebe que o elemento marcado é estruturalmente mais complexo. Por outro lado, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. No entanto, a marcação depende do contexto de interação, logo, para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, entram em jogo os fatores comunicativos, sócio-culturais, cognitivos e biológicos.

Givón (1990, p. 947) apresenta três critérios para se avaliar a marcação:

- a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.
- b) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.

c)complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

Vale salientar, ainda, que segundo Givón (1990), não podemos determinar a marcação de forma absoluta, pois a estrutura é marcada ou não de acordo com o contexto em que ocorre.

2.2.3. Nível semântico-sintático: transitividade

A transitividade, para Hopper e Thompson (1980), não se constitui como uma propriedade binária, ou seja, como algo que se tem ou não em uma dada informação; logo, não a concebem a partir de um único critério como condição suficiente e necessária para avaliá-la. Para eles, a transitividade é uma propriedade gradual, na qual incidem vários parâmetros.

Segundo Cunha (2008, p.38), “Hopper e Thompson associam a transitividade a uma função discursivo-comunicativa: o maior ou menor grau de transitividade de uma sentença reflete a maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos.”

A partir dessa concepção de transitividade, e examinando o modo como as línguas codificam os verbos, Hopper e Thompson definem a transitividade a partir de dez parâmetros que indicarão um maior ou menor grau de transitividade por parte dos dados analisados. Os parâmetros e exemplos propostos por Hopper e Thompson são:

a) argumentos: a sentença é considerada de alta transitividade, se tiver dois ou mais argumentos, por exemplo:

I hugged Sally. (Eu abracei Sally.)

b) cinese: diz respeito à característica do verbo em expressar ou não uma ação, somente as ações podem ser transferidas, os estados não. Logo, *I hugged Sally* é mais transitivo que *I like Sally*. (Eu gosto de Sally.)

c) aspecto: uma ação télica, ou seja, completa, é mais transitiva que uma atélica, na qual a transferência da ação ocorre de forma parcial, pois não é concluída, como em *I ate it up*. (Eu comi.) # *I am eating it*. (Eu estou comendo.)

d) pontualidade: uma ação pontual, ou seja, sem fase de transição entre o princípio e o seu final, é mais transitiva que uma contínua ou linear, por exemplo: *kick* (chuta – ação pontual) é diferente de *carry* (carregar – ação não-pontual.)

e) volitividade: uma ação deliberada e controlada é mais transitiva que uma involuntária. Vejamos a diferença entre *I wrote your name*. Eu escrevi seu nome. (+ volitiva) e *I forgot your name*. Eu esqueci seu nome. (– volitiva).

f) afirmação: as afirmações são mais transitivas que as negações, pois indicam que a ação ocorreu de fato:

I wrote your name. (Eu escrevi o seu nome.)

g) modo: uma ação real é mais transitiva que uma ação que não ocorreu ou que poderia ocorrer. A ação irreal é menos efetiva e, portanto, menos transitiva. Considerem-se os exemplos:

I wrote your name. (Eu escrevi seu nome.) x *I will write your name*. (Eu escreverei seu nome.)

h) agentividade: um sujeito mais agentivo (alto potencial de agentividade na transferência de uma ação para outro) é mais transitivo que um menos agentivo. Vejamos a diferença:

Ex: *George started me damage*. # *The picture started me damage*.
(George me causou prejuízo) (A pintura me causou prejuízo)

+ agentivo

- agentivo

i) afetamento do objeto: um paciente (objeto) completamente mais afetado pela ação *I drank the milk*. (Eu bebi o leite.) + afetado é mais transitivo que um objeto afetado parcialmente *I drank some of the milk*. (Eu bebi um pouco do leite) – afetado. O objeto (leite) é mais afetado no primeiro caso, pois foi tomado por completo.

h) individuação do objeto: um paciente (objeto) que se distingue pelas seguintes características: próprio, animado ou humano, concreto, contável, singular, referencial ou definido é mais transitivo que um paciente que apresenta características, tais como: comum, inanimado, abstrato, plural, incontável, não-referencial. Por exemplo: *Jerry knocked Sam down*. (Jerry nocauteou a Sam.) – Sam é um objeto individuado devido aos seus traços (próprio, contável, referencial, concreto, humano.)

Com base nesses parâmetros, avaliaremos, no capítulo de análise, a transitividade dos pretéritos perfeito e imperfeito em narrativas produzidas por alunos no contexto universitário.

2.2.4. Nível semântico-lexical

Nesta seção, apresentamos a tipologia de caráter aspectual apresentada por Vendler (1967), que propõe, na classificação dos tipos de verbos, a noção de duração ou delimitação em relação ao objeto referido e estado de coisas (uma situação lingüisticamente codificada) pretendido. Os tipos de verbos propostos pelo autor são:

a) atividades: dizem respeito aos verbos que indicam situações cuja duração temporal apresenta-se de forma indefinida. De acordo com Godói (1992), as atividades são situações que não apresentam um ponto de culminação, ou seja, não são pontuais e podem ser divididos em fases.

Ex: Marisa hacía la exposición de las tareas. (Marisa fazia a exposição das tarefas.)

b) processos culminados: estes verbos fazem referência a um segmento inteiro de tempo, portanto, apresentam um ponto final. Além disso, temos a completude da ação desencadeada.

Ex: Paulo realizó la venta de la casa. (Paulo realizou a venda da casa.)

c) culminação: indicam um ponto final definido e uma situação pontual que apresenta começo ou clímax, ademais, devem ocorrer em um momento especificado, que não poderá ser estendido e dividido em fases.

Ex: Pidió el libro tan pronto llegó en casa. (Pedi o livro assim que chegou a casa.)

d) estados: designam situações estáticas, ou seja, que ocorrem durante todos os períodos de tempo. Para que um verbo tenha valor de verdade deverá ocorrer em todos os pontos de um determinado período ou de um determinado número de momentos, logo, não pode ser dividido em etapas.

Ex: Hemos tenido buenos resultados en las ventas. (Tivemos bons resultados nas vendas.)

2.2.5. Nível textual-discursivo: figura e fundo

De acordo com Hopper e Thompson (1980), há uma alta correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade de uma sentença, já que na organização do pensamento humano e na comunicação, é inevitável a hierarquização de informações, no sentido de estabelecer graus centralidade/perifericidade, ou seja, numa situação comunicativa, os usuários da língua procuram estabelecer que informações são essenciais (figura) e/ou acessórias (fundo), na construção de um texto oral ou escrito.

Os conceitos de figura e fundo vêm da Gestalt, na Psicologia. De acordo com essa teoria, de fundamento cognitivo, o processo de formação de figura-fundo é dinâmico, a figura depende do fundo sobre o qual aparece; o fundo serve como uma estrutura ou moldura em que a figura está enquadrada ou suspensa, e, por conseguinte,

a determina. Hopper e Thompson (1980), a partir desse pressuposto, diferenciam figura e fundo, com base no contexto de interação verbal, considerando que o falante codifica o que percebe como essencial (figura) e o que considera como acessório (fundo).

No tocante ao Aspecto verbal, para Hopper e Thompson (1980), o aspecto perfectivo apresenta alta transitividade, por outro lado, o aspecto imperfectivo aponta para uma baixa transitividade, pois numa narrativa, por exemplo, há o uso de formas verbais do imperfeito como fundo (detalhes, descrições) e de formas do perfeito na ordenação dos fatos da narrativa, indicando progressão. Como bem afirma Silva (2007, p. 94):

Na literatura a respeito dos planos discursivos, observamos que os autores, comumente, atribuem o seqüenciamento cronológico de um enunciado às formas perfectivas, as quais, são ordenadas cronologicamente no discurso e denotam eventos discretos e dinâmicos. Para alguns, as formas imperfectivas não mostram a preocupação do falante com a seqüência dos fatos narrados, mas trazem apenas informações adicionais e circunstanciais que se constituem como suporte para os fatos narrados.

Nesse sentido, numa narrativa, as formas do pretérito perfeito (simples e composto) em Espanhol, têm um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas. Em contrapartida, as formas do pretérito imperfeito são utilizadas, principalmente, para descrever, comentar e apontar detalhes, ou seja, para fornecer elementos que dão sustentação à narrativa, mas que não contribuem para a progressão discursiva do texto desenvolvido.

3. Tempo, Aspecto e Modalidade

Neste capítulo, serão feitas algumas considerações teóricas sobre as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modalidade, principalmente em relação às duas primeiras, que orientarão a análise das produções escritas nos níveis semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo, a ser empreendida nessa pesquisa.

3.1. Tempo

Nesta seção, faremos algumas considerações a respeito da marcação de tempo em Espanhol. Além disso, teceremos comentários sobre os usos dos tempos verbais dos pretéritos perfeitos (simples e composto) e do pretérito imperfeito em Espanhol.

Segundo Ilari (2001, p.8), o estudo do tempo verbal deve dar conta de:

Reconhecer as expressões e construções que indicam tempo, caracterizando sua contribuição à interpretação das sentenças em que ocorrem; desenvolver um conjunto de noções e uma metalinguagem adequada para a descrição das expressões e construções gramaticais que indicam tempo; elaborar representações formais das sentenças que levam em conta as referências temporais nelas contidas.

No que tange à questão da conceituação do tempo correlacionado aos sistemas de tempo verbal, Givón (1984) aponta dois traços como fundamentais: seqüencialidade (sucessão de pontos, momentos) e ponto de referência (tempo do ato de fala). Segundo Coan (2003), a categoria tempo verbal codifica a relação entre dois

pontos no tempo: o tempo de fala (ponto de referência universal) e o tempo do evento. A partir dessa caracterização, o tempo é concebido no sentido de registrar os acontecimentos com as suas respectivas relações cronológicas. Nesse caso, conforme Coan (2003), o tempo verbal figura como uma das várias estratégias utilizadas com o objetivo de mapear o tempo nas línguas em geral.

Para a caracterização de situações na linha temporal, ao tratar dos verbos do inglês, Reichenbach (1947) propõe três momentos:

- a) momento de fala, MF;
- b) momento da realização da ação expressa pelo verbo (momento do evento), ME;
- c) momento de referência, MR.

A partir de Reichenbach (1947), propomos os seguintes diagramas para os pretéritos sob análise:

Pretérito perfeito simples/indefinido:



(1) Juan estuvo ayer en Ávila. (Juan esteve ontem em Ávila.)

O pretérito perfeito simples expressa fatos localizados em uma zona temporal anterior (ME) àquela em que se encontra o falante, ou seja, anterior ao momento de fala (MF) e ao momento de referência (MR), os quais ocupam o mesmo lugar na linha temporal, conforme o diagrama acima.

Pretérito perfeito composto:

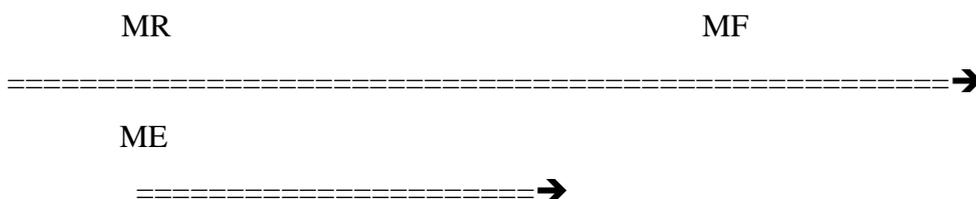




(2) Este año Juan ha estado en Ávila. (Este ano Juan esteve em Ávila.)

O pretérito perfeito composto refere-se também a fatos passados, mas que têm relação com a zona temporal em que se encontra o falante, ou seja, o momento do evento (ME) relaciona-se ao momento de fala (MF) que por sua vez, ocupa o mesmo lugar na linha temporal que o momento de referência (MR), conforme o diagrama acima.

Pretérito imperfeito:



(3) Juan estaba ayer en Ávila. (Juan estava ontem em Ávila.)

O pretérito imperfeito expressa fatos localizados em um tempo anterior àquele em que se encontra o falante, mas os fatos são relatados em seu desenvolvimento e não há informação sobre a sua conclusão. Desse modo, o momento de referência (MR) é anterior ao momento de fala (MF) e o momento do evento (ME) inicia-se no momento de referência (MR) seguindo um contínuo na linha temporal, porém sem um ponto que demarque a sua finalização, conforme o diagrama acima.

De acordo com Ilari (2001, p.14 e 15), a proposta de Reichenbach (1947) atende a duas exigências, que têm um forte caráter de apelo intuitivo, por parte do usuário da língua:

a) “em primeiro lugar, fornece instruções para situar o “momento de evento”, isto é, para localizar no tempo a ação expressa pelo verbo. E esse é, intuitivamente, o objetivo último do uso dos tempos verbais”;

b) “em segundo lugar, ao levar sistematicamente em conta o “momento de fala”, confirma a intuição de que o fundamento direto ou indireto da interpretação das formas verbais flexionadas em tempo é a dêixis, isto é, a referência à própria situação da enunciação. De fato, os tempos do verbo compartilham com os dêiticos mais típicos – os pronomes de primeira e segunda pessoas e os demonstrativos **isto, isso e aquilo** – a capacidade de identificar realidades (no caso, os momentos e períodos de tempo em que ocorrem as ações e os estados expressos pelo verbo) localizando-as relativamente ao ato de fala”.

De acordo com Briones (2001), em Espanhol é difícil delimitar, com total precisão, o uso do pretérito perfeito simples e composto. Além disso, ela aponta que, em Espanhol, usa-se o composto quando o período de tempo a que se faz referência não foi concluído totalmente ou o falante não sente a ação muito distante, conforme exemplo:

(4) Esta mañana **he ido** al médico (Esta manhã **fui** ao médico.)

Nesse exemplo, o dia ainda não acabou. Por outro lado, no exemplo a seguir, o dia já acabou:

(5) Ayer **fui** al médico. (Ontem **fui** ao médico.)

Portanto, a forma composta deve ser combinada aos advérbios que incluem o momento de fala (por exemplo: *hoy* – hoje, *esta noche* – esta noite, *siempre* - sempre); em contrapartida, a forma simples é compatível com os advérbios que excluem o momento de fala (por exemplo: *Ayer* - ontem, *hace un año* - faz um ano). Segundo Briones (2001), em Português, usa-se mais o tempo simples e reserva-se o composto para descrever uma ação reiterativa ou durativa desde o passado até o presente, ou ainda, para se referir a um passado mais próximo do presente.

Segundo Alegre (2007), com relação aos marcadores de tempo (advérbios e expressões), podemos relacioná-los aos usos do pretérito perfeito composto, conforme o seguinte esquema por ela proposto:

a) toda expressão de tempo que contenha em seu significado a relação com o dia atual;

b) toda expressão de tempo determinada pelo demonstrativo este (**este mês, este século**), além de expressões como **ultimamente, nos últimos dias**, pois se referem a um tempo próximo;

c) quando não se registra nenhum marcador temporal ou marcadores que não indicam a marca de um tempo e sim a experiência do que se realizou ou não, como expressam as formas: **alguma vez, já, ainda ou nunca**.

Por outro lado, os usos do pretérito perfeito simples (indefinido) em Espanhol encarregam-se de marcar um tempo passado que não mantém relação nenhuma com o presente. Vale salientar, ainda, que Torrego (2002) apresenta a perspectiva psicológica do falante para se referir a uma ação no passado; logo, um fato pode ter acontecido há cinco anos, mas o falante, ao utilizar o pretérito perfeito composto, indica que o mesmo não superou a situação, a qual ainda é marcante no seu presente. Verificamos essa situação a partir do exemplo a seguir:

(6) Mi madre se **ha muerto** hace cinco años. (Minha mãe **morreu** faz cinco anos.)

Em Espanhol, conforme Duarte (2005), o pretérito imperfeito do indicativo indica ações habituais no passado, serve para descrever ações ou situações do passado e ações que se desenvolvem de forma paralela; usa-se em pedido (forma de cortesia) e também nas referências de tempo (hora, data, estações do ano, etapas da vida). Por exemplo:

(7) Todos los domingos **salía** con su hermana. (Todos os domingos **saía** com sua irmã.)

(8) **Quería** enviar estas postales a Brasil. (**Queria** enviar estes cartões postais para o Brasil.)

(9) **Era** 25 de marzo. (**Era** 25 de março.)

Segundo Alegre (2007), o que deve ficar claro em relação ao imperfeito é que, quando nos referimos a ações não acabadas, fazemos referência a um dado momento do passado, mas, no momento atual, a ação, que não foi concluída naquele momento do passado a que fizemos referência, já deve ter sido concluída ou deixada de lado, ou seja, não podemos afirmar, categoricamente, que uma ação expressa pelo pretérito imperfeito não foi concluída em um momento posterior.

3.2. Aspecto

Nesta seção, trataremos da categoria aspecto, considerando-se a sua utilização em Espanhol.

Ilari (2001) afirma que Aspecto e Tempo são categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico, mas que, semanticamente falando, a categoria Tempo faz referência ao tempo externo, presente, passado e futuro (e suas subdivisões), enquanto o Aspecto refere-se ao tempo interno, com noção de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Logo, podemos conceber aspecto como uma categoria que caracteriza os diferentes modos de perceber a constituição temporal de uma determinada situação. Essa constituição, segundo Comrie (1990), pode dar-se sem distinção de etapas (aspecto perfectivo) ou em sua constituição interna (aspecto imperfectivo). Desse modo, o perfectivo expressa uma situação como um todo, ou seja, ela é tratada como um objeto único, sem parcializá-la ou dividi-la em fases internas distintas. Por outro lado, com o imperfectivo, temos o fato expresso em sua constituição temporal interna. Essa temporalidade interna pode ser expressa a partir de um fragmento de tempo (cursividade) ou pela seleção de fases dessa temporalidade (fase inicial, intermediária ou final) ou ainda, por meio de estados resultativos, que

confirmam relevância lingüística à constituição interna do processo que os antecedeu, como afirma Costa (1990, p. 33):

“O perfectivo, termo geral de oposição, como todo não-marcado, não admite subdivisões quanto à sua temporalidade interna. O imperfectivo, verdadeiro atualizador da categoria como recurso de expressividade, admite as seguintes subdivisões: pode referir o fato como em curso; pode referir uma das fases constitutiva da temporalidade interna do fato (inicial, intermediária, final); ou referir o fato como um estado resultante de um processo anterior

Costa (1990, p. 21), a partir das concepções de aspecto de Comrie (1976), de Castilho (1968) e de Lyons (1979), enumera as seguintes características para o Aspecto:

- a) a não-referência à localização no tempo;
- b) a constituição temporal interna;
- c) a vinculação da categoria a situações, processos e estados;
- d) a representação espacial.

No tocante à não-referência à localização no tempo, vale salientar que o tempo verbal trata da distribuição do fato na linha temporal, mas em contrapartida, o aspecto trata do referido fato na sua constituição temporal interna, ou seja, estuda o tempo dentro do fato, passível de fragmentação dentro de seus limites. A partir desse pressuposto, o aspecto só pode tratar de verbos que expressem, segundo Costa (1990), desenvolvimento ou duração do fato verbal. Nesse caso, temos a vinculação desta categoria verbal a situações, processos e estados. Com relação à representação espacial, a partir da utilização do aspecto, podemos visualizar o processo ou o estado como uma fração de tempo que apresenta duratividade e que ocupa uma parte da linha do tempo.

A duratividade, de acordo com Spaldaro (2005, p. 48), “é um traço semântico que revela a presença ou a ausência de intervalos internos em determinada situação”. Por exemplo, os verbos que indicam um processo culminado são considerados como durativos, pois expressam situações que duram um determinado período de tempo. Em contrapartida, os verbos de culminação se referem a situações pontuais, instatâneas e sem intervalos de tempo, ou sejam, sem uma estrutura interna.

Outra característica do Aspecto diz respeito à dinamicidade, os verbos que exprimem o traço [+ dinâmico] expressam mudança e/ou movimento em estágios internos distintos, por exemplo, o verbo “caminhar” denota o esforço de alguém ao desenvolver esta atividade física. Por outro lado, os verbos estáticos, como a maioria dos verbos de estado, apresentam estágios internos idênticos e são considerados homogêneos. Estes verbos, geralmente, não expressam mudança e/ou movimento. Por exemplo, o verbo “conhecer” não denota nenhuma mudança e/ou movimento.

3.2.1. O Aspecto verbal em Espanhol

De acordo com Castro (1974), as gramáticas de Língua Espanhola em seus estudos sobre a morfologia do verbo, de modo geral, não apresentam a categoria Aspecto. Isto acontece porque os autores tomam como modelo de análise a gramática latina, na qual predomina a idéia temporal no estudo do processo verbal. Nesse sentido, a categoria Aspecto se confunde com a de Tempo, pois além de não ser mencionada, os morfemas para expressar essas duas categorias são os mesmos.

O primeiro gramático que se ocupou do estudo do Aspecto verbal em Espanhol foi Andrés Bello ao propor uma classificação para os verbos em permanentes e desinenciais. No entanto, considerou características meramente gramaticais como puramente lexicais.

José Roca Pons realizou um estudo mais concreto em relação ao Aspecto verbal em Espanhol, propondo uma clara exposição sobre o Aspecto com a noção de culminação do processo verbal. Dando continuidade a questão, tivemos o estudo de

Alarcos Llorach que estabeleceu a significação desta categoria a partir do contraste entre a indicação ou não do término do processo verbal.

Por último, a autora destaca o estudo de W. Bull sobre Aspecto da Língua Espanhola. De acordo com ele, o processo verbal é concebido em seu início, desenvolvimento e finalização, que correspondem respectivamente ao Aspecto “iniciativo”, “imperfectivo” e “terminativo”.

No estudo da Língua Espanhola, em nível morfológico, cabem aos morfemas da conjugação verbal a indicação dos valores aspectuais em cada um dos momentos temporais (anterior, atual e posterior).

No entanto, além dos tempos verbais que denotam esta categoria, há outros recursos lingüísticos para designar o Aspecto, dentre os quais, as perífrases verbais constituem um dos meios sintáticos mais utilizados para expressar valores aspectuais:

I - Aspecto ingressivo: a ação verbal está a ponto de ser realizada:

- Ir a + infinitivo:

(10a) **Iba a decirlo.** (**Ia dizer.**)

(10b) Mañana **voy a llamar** a mis primos. (Amanhã **vou chamar** meus primos.)

- Passar a + infinitivo:

(11a) **Paso a exponer** el siguiente tema. (**Passo a expor** o seguinte tema.)

(11b) Ahora **pase a explicar** el [proyecto](#). (Agora **passo a explicar** o projeto.)

- Estar a ponto de + infinitivo:

(12a) **Estoy a punto de triunfar.** (**Estou a ponto de triunfar.**)

(12b) **Estás a punto de resolver** el problema. (**Estás a ponto de resolver** o problema.)

II - Aspecto Incoativo: apresenta a ação verbal no seu início.

- Começar a + infinitivo:

(13a) Se **echó a reír**. (**Começou a rir**.)

(13b) Nos **echamos a temblar**. (**Começamos a tremer**.)

- Ir a + infinitivo:

(14a) No **vayas a pensar** esto. (Não **vá pensar** isto.)

- Pôr-se a + infinitivo:

(15a) Se **puso a pintar**. (**Põe-se a pintar**.)

(15b) Se **pusieron a imitar** al jefe. (**Puseram-se a imitar** o chefe.)

- Começar a + infinitivo:

(16a) **Rompió a llorar**. (**Começou a chorar**.)

(16b) Apaga el fuego cuando **rompa a hervir**. (Apaga o fogo quando começar a ferver.)

III - Aspecto durativo: a ação verbal se manifesta em pleno desenvolvimento.

- Seguir + gerúndio:

(17a) **Sigue pensando** lo mismo. (**Segue pensando** o mesmo.)

(17b) **Seguimos escuchando** la [música](#) que nos gusta. (**Seguimos escutando** a música que gostamos.)

- Estar + gerúndio:

(18a) **Estamos viviendo** en Perú. (**Estamos vivendo** no Peru.)

(18b) **Está leyendo** el mismo libro que yo. (**Está lendo** o mesmo livro que eu.)

- Andar + gerúndio:

(19a) **Anda estudiando** todo el día. (**Anda estudando** todo o dia.)

(19b) Siempre **andáis danzando** de un lado a otro. (Sempre **andais dançando** de um lado a outro.)

- Vir + gerúndio:

(20a) La historia **viene siendo** la misma. (A história **vem sendo** a mesma.)

(20b) **Venimos observándolo** desde hace un año. (**Vemos observando-o** há um ano.)

- Levar + gerúndio:

(21a) **Lleva estudiando** desde ayer. (**Está estudiando** desde ontem.)

(21b) **Lleva llamándote** mucho tiempo. (**Está te chamando** há muito tempo.)

V - Aspecto Resultativo: a ação se mostra já finalizada por completo.

- Dejar + participio:

(22a) **Dejó dicho** esto. (**Deixei dito** isso.).

(22b) **Dejamos encargado** el regalo. (**Deixamos encarregado** o presente.)

- Estar + participío:

(23a) **Estoy asombrado** por lo que oigo. (**Estou assombrado** pelo que escuto.)

(23b) **Estoy apartado** de la política. (**Estou separado** da política.)

- Llevar + participío:

(24a) **Llevamos escritas** cuatro canciones. (**Levamos escritas** quatro canções.)

(24b) **Tú llevas hecho** medio trabajo. (**Tu levas feito** meio trabalho.)

- Ter + participío:

(25a) **Tengo comprado** el regalo. (**Tenho comprado** o presente.)

(25b) **Tiene realizado** todo el trabajo. (**Tem realizado** todo o trabalho.)

- Ficar + participío:

(26a) **Quedamos citados** a las tres. (**Ficamos marcados** às três.)

(26b) **Quedó satisfecho** con sus disculpas. (**Ficou satisfeito** com as suas desculpas.)

V - Aspecto Repetitivo: muestra o processo da ação verbal repetido.

- Voltar a + infinitivo:

(27a) **Volvió a salir** a la calle. (**Voltou a sair** à rua.)

(27b) **Volvamos a revisar** la ortografía. (**Voltemos a revisar** a ortografia.)

VI - Aspecto Egressivo e/ou terminativo: apresenta a ação verbal interrompida ou terminada.

- Deixar de + infinitivo:

(28a) **Dejamos de frecuentar** ese ambiente. (**Deixamos de frequentar** esse ambiente.)

(29b) **Dejó de hacerse** falsas ilusiones. (**Deixou de ter** falsas ilusões.)

- Acabar de + infinitivo:

(30a) **Acaban de llegar**. (**Acabam de chegar**.)

(30b) **Acabo de recibir** el telegrama. (**Acabou de receber** o telegrama.)

- Cessar de + infinitivo:

(31a) **Cesó de escribir** al enfermar. (**Parou de escrever** ao adoecer.)

(31b) **Cesaron de molestarte**. (**Pararam de me chatear**.)

- Terminar de + infinitivo:

(32a) *¿Terminaste de estudiar?* (**Terminaste de estudar?**)

(32b) **Termino de leer** esto y te acompaño. (**Termino de ler** isto e te acompanho.)

VII - Aspecto habitual: a ação verbal verbal se realiza de forma reiterada.

- Costumar + infinitivo:

(33a) **Costumbro tomar** té. (**Costumo tomar** chá.)

(33b) **Costumbra salir** pronto. (**Costuma sair** logo.)

De acordo com Castro (1974), além das perífrases verbais, é possível expressar o Aspecto por meios não-verbais. Neste caso, através de locuções adverbiais ou preposicionais. Vejamos os exemplos a seguir:

(34) *Lo hacía de tarde em tarde.* / Fazia-o **de tarde em tarde.** (Especifica os intervalos entre as repetições.)

Sobre a recenticidade aspectual, o Espanhol tem dois tempos especiais: o *pretérito perfecto compuesto de indicativo* e o *pretérito perfecto simple*. O pretérito perfeito composto do indicativo indica uma ação acabada, mas recente: *esta mañana he desayunado temprano.* (Esta manhã, tomei café da manhã cedo). O café da manhã foi concluído, mas não faz muito tempo. Para expressar uma ação mais distante e acabada, usa-se o pretérito perfeito simples: *ayer desayuné temprano* (ontem tomei café da manhã cedo). Trata-se, no entanto, de uma recenticidade relativa, pois também pode-se dizer : *Este siglo ha sido muy provechoso para la humanidad* (este século foi muito proveitoso para a humanidade), apesar de que se aluda a 100 anos de história, em que o demonstrativo dêitico que indica proximidade do falante imprime a proximidade da frase. Quando não há contexto temporal nas frases que aludem, normalmente, a experiências pessoais, o pretérito perfeito composto em Espanhol pode ser usado sempre. Pode-se usar, também, em orações negativas absolutas: Nunca **he estado** en Asia. (Nunca **estive** na Ásia). De acordo com Comrie (1990), a diferença entre o pretérito perfeito composto e o pretérito perfeito simples é também aspectual, pois, não se estabelece uma relação entre dois pontos no tempo, e sim a relevância de uma situação passada no momento da enunciação. Por isso, como usamos esses dois tempos para falar do passado, a diferença é aspectual e não temporal.

Vale salientar ainda que, segundo Weinrich (1973), o pretérito imperfeito funciona como pano de fundo para o pretérito perfeito, ou seja, equivale ao que é considerado como acessório na narração, logo, a seqüência da narrativa e os elementos essenciais são apresentados pelo pretérito perfeito, que atua como figura, que corresponde à informação tida como essencial e diz respeito ao desenvolvimento do

relato mediante a apresentação sequencial dos fatos que constituem o texto em questão. E o pretérito imperfeito, como pano de fundo, encarrega-se da função de localizar e descrever o fato narrado, ou seja, apresenta, na narrativa, as circunstâncias consideradas como secundárias na constituição global do texto.

De acordo com Castañeda Castro (2006), a diferença principal entre os pretéritos imperfeito e o perfeito está no fato de que o primeiro não informa o término da ação, ou seja, não explicita a completude da ação iniciada. Em contrapartida, com o pretérito perfeito, há a informação sobre o término da ação iniciada.

De acordo com Briones (2001), semelhante ao que ocorre em Espanhol, é difícil delimitar, com total precisão, o uso dos pretéritos perfeitos simples e composto em Português. Segundo ela, em Português, usa-se mais o tempo simples e reserva-se o composto para descrever uma ação reiterativa ou durativa desde o passado até o presente, ou para se referir a um passado mais próximo ao presente, que indica uma ação totalmente concluída. Em *Tenho estado tão triste*, usamos o tempo composto para se referir a um estado anímico prolongado.

Por fim, importa destacar que, no ensino dos verbos, o professor deve levar o aluno à reflexão sobre os efeitos de sentido na diferença entre os aspectos perfectivo e imperfectivo, além disso, precisa focalizar o estudo do aspecto a partir de usos reais da língua, partindo de textos autênticos.

3.3. Modalidade

Nesta seção, trataremos de questões relacionadas à Modalidade e modo no sistema verbal do Espanhol. Segundo Coan (2003), modo é uma categoria morfológica do verbo com função modal, que, envolve um grupo distinto de paradigmas verbais (indicativo, subjuntivo, imperativo). A modalidade, por sua vez, codifica a atitude do falante, seu julgamento acerca da informação, ou seja, tem a ver com a reação do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado.

Na abordagem funcional norte-americana, a modalidade é tratada no contexto comunicativo e, segundo Givón (1984, p.285), tem seus tipos assim redefinidos numa interpretação pragmático-discursiva: a) pressuposição: a proposição é assumida como verdade (conforme exemplo 35a); b) asserção “realis”: a proposição é fortemente declarada como verdade, mas o ouvinte pode refutá-la (conforme exemplo 35b); c) asserção “irrealis”: a proposição é fracamente declarada como possível ou como necessária (conforme 35c); d) asserção negada: a proposição é fortemente declarada como falsa, comumente contrariando crenças do ouvinte; o falante dispõe de evidências para sustentar seu ponto de vista (conforme exemplo 35d).

(35a) Joe **cut** a log. (Joe **cortou** um tronco.)

(35b) Joe **will cut** a log. (Joe **cortará** um tronco.)

(35c) Maybe Joe **caught** a whale. (Talvez Joe **tenha pegado** uma baleia.)

(35d) Joe **not wanted** a whale. (Joe **não quis** uma baleia.)

Em Espanhol, a modalidade pode ser codificada por diversas formas, dentre as quais o modo verbal e as perífrases modais, aqui destacadas pela natureza do tema deste trabalho: Tempo e Aspecto. Segundo Duarte (2005), no modo indicativo, conforme exemplo (35a), expressamo-nos em uma perspectiva objetiva, damos informações novas e o conteúdo do qual falamos ou escrevemos se torna algo seguro. Por outro lado, segundo a autora, no modo subjuntivo, conforme exemplo (35c), expressamo-nos em uma perspectiva subjetiva, não damos informações novas e o conteúdo do qual falamos ou escrevemos é algo duvidoso em certos contextos; em outros, expressamos nossa opinião, nossos sentimentos. Vejamos os exemplos:

(36) Marina **corre** todas las mañanas. (Marina **corre** todas as manhãs.)

(37) Tal vez **llegue** mañana. (Talvez **chegue** amanhã.)

As formas verbais de indicativo e de subjuntivo normalmente expressam, respectivamente, a oposição entre realidade e não-realidade das ações, não no sentido de

ações reais ou irreais em si, mas no sentido de ações concretas, possíveis de se realizar em contraposição a ações hipotéticas, prováveis, que podem não se realizar, conforme Milani (2006). Vale salientar, ainda, segundo a autora, que, nas frases de indicativo, afirmamos ou negamos fatos que realmente ocorrem, ocorreram ou vão ocorrer, em contrapartida, nas frases do subjuntivo, os fatos mencionados talvez ocorram, ocorreram ou vão ocorrer realmente. Portanto, o indicativo expressa a efetividade (realidade) na concretização das ações, enquanto o subjuntivo expressa possibilidade, ou seja, a não-efetividade (não-realidade) no cumprimento das mesmas.

Muitas vezes, a escolha do uso do subjuntivo ou do indicativo depende da maior ou menor segurança que se tem (ou quer se dar) sobre a realização ou não do fato ou da ação. Nos exemplos abaixo, o fato de as pessoas voltarem é muito mais duvidoso ou tem muito menos possibilidade de ocorrer na primeira frase do que na segunda.

(38) Espero que **vuelvan**. (Espero que **voltem**.)

(39) Seguro que **volverán**. (Tenho certeza de que **voltarão**.)

Ainda em relação ao modo, convém mencionar o uso do imperativo que, segundo Duarte (2005), é usado pelo falante: a) para dar instruções, ordens, conselhos; b) para conceder permissões e para oferecer algo. Vejamos os exemplos a seguir:

(40) **Abra** la caja, saque la radio y **póngala** ahí. (**Abra** a caixa, retire o rádio e **ponha-o** aí.)

(41) Si quieres cerrar la puerta, **ciérrala**. (Se você quiser fechar a porta, **feche-a**.)

(42) **Bebe** un poco más de zumo. (**Bebe** um pouco mais de suco.)

Visando à análise das produções escritas, apresentamos, neste capítulo, os principais postulados teóricos sobre Tempo, Aspecto e Modalidade, categorias que servirão de base para a análise que empreenderemos no capítulo 5.

4. Metodologia

Nesse capítulo, será realizada a descrição do contexto de investigação e dos sujeitos envolvidos, dos procedimentos metodológicos, bem como dos parâmetros que serão utilizados para a análise dos dados coletados. Para este trabalho, foi adotada a pesquisa descritiva, de cunho quantitativo. A pesquisa descritiva é definida por Barros e Lehfeld como “descrição do objeto por meio da observação e do levantamento de dados” (1990, p. 34). A partir desta perspectiva, foram levantados dados, visando, inicialmente, à análise deste *corpus* coletado a partir do enfoque funcionalista e, a posteriori, a uma análise das dificuldades dos alunos com relação aos usos lingüísticos dos pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol.

4.1. Contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Pau dos Ferros (UERN – Campus Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM). Nessa universidade, o pesquisador atua como professor de Espanhol no Curso de Letras, desde o segundo semestre de 2008.

A escolha desse contexto se deu pelo fato de ser um centro formador de professores de língua Espanhola desde 2005. Portanto, a investigação sobre o uso lingüístico das formas verbais dos pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol, a partir das produções escritas, poderá contribuir com subsídios teóricos e práticos para a

melhoria da formação de professores de Espanhol por esta instituição de ensino superior.

4.2. Descrição dos sujeitos da pesquisa

Para a coleta de dados desta investigação, foi escolhido um grupo formado por 14 alunos do sexto semestre do Curso de Letras, habilitação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola da UERN – Campus Maria Elisa de Albuquerque Maia. Esta é a primeira turma, em formação do Curso de Letras, habilitação em Língua Espanhola e respectivas Literaturas de Língua Espanhola. A pressuposição é de que esse grupo possui um nível avançado de domínio da língua espanhola, por se tratar de futuros professores dessa língua. Vale salientar ainda, que os alunos não tinham nenhuma experiência prévia com o estudo de Espanhol antes do Curso de Letras e que já cursaram 2340 horas, das 3600 que compõem o currículo, composto por 80% de disciplinas de Espanhol, incluindo duas disciplinas de Produção Textual em Língua Espanhola. Além disso, no decorrer da formação dos alunos foi empregada pelos professores a metodologia comunicativa, descrita no capítulo 1.

4.3. Produções narrativas em processo formal de aprendizagem de Língua Estrangeira como *corpus* de uma pesquisa

Ao iniciar uma pesquisa em nível discursivo, o pesquisador deveria se perguntar qual dos tipos textuais é o mais apropriado, tanto para a natureza do fenômeno em estudo quanto para os fins propostos. Hopper e Thompson (1980) apontam o *status* privilegiado da narrativa na organização de corpus em relação aos outros tipos discursivos

Em uma narração, tipo textual escolhido para a nossa pesquisa, podemos distinguir, de forma precisa, dois planos da informação: figura e fundo. Segundo Muñoz y Soto (2000), a figura corresponde à informação tida como essencial e diz respeito ao

desenvolvimento do relato mediante a apresentação seqüencial dos fatos que a constituem e equivale ao esqueleto situacional. Por outro lado, o fundo equivale ao que é considerado como acessório na narração, por exemplo, proposições descritivas, detalhes e comentários.

Vale salientar ainda que a narrativa foi escolhida por apresentar, em maior frequência, os pretéritos sob análise, diferentemente do que ocorre com a descrição, com a dissertação e com a injunção.

4.4. Procedimentos metodológicos

Para a coleta de dados foram utilizadas três propostas de produção de textos narrativos, pois, a narração propicia uma maior ocorrência das formas verbais nos pretéritos perfeito e imperfeito do Indicativo em Espanhol. Os temas propostos serviram de norte para o desenvolvimento da produção escrita dos alunos, bem como de diagnóstico o uso do aspecto verbal em Espanhol em relação aos níveis semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo. As propostas foram extraídas de livros didáticos direcionados para o ensino de Espanhol como Língua Estrangeira, porque os sujeitos envolvidos na pesquisa utilizaram, no decorrer de sua formação, o livro didático como um dos principais recursos na sua aprendizagem. Adotamos dois critérios para a seleção dos livros: apresentarem uma quantidade significativa de propostas de tipologia predominantemente narrativa e serem atuais – editados entre 2004 e 2009. As propostas são:

1) Livro didático “Pasaporte” (vol.02- 2008, p. 46.)

Cuenta un acontecimiento sorprendente de tu vida. Puede ser real o imaginário./ Conta um acontecimento surpreendente de tua vida. Pode ser real ou imaginário.

a) Conociste a alguien famoso./ Conheceste a alguém famoso.

b) Estuviste en una fiesta fantástica./ Estiveste em uma festa fantástica.

2) Livro didático “Español en marcha” (vol. 04- 2007, p. 82.)

c) Escribe una historia que te haya ocurrido en algunos de tus viajes./ Escreve uma história que aconteceu com você em algumas de suas viagens.

Dessa forma, cada aluno escreveu três produções, totalizando, no geral, um corpus de 42 produções escritas. Cabe salientar que, no processo de escritura dessas produções, foi gerada uma reflexão acerca de cada tema proposto, o que auxiliou cada aluno na sua produção; seguimos, assim, a metodologia para o ensino da escrita em Espanhol, proposta por Alonso (2003), que trabalha a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva, ou seja, leva em consideração o contexto comunicativo, bem como o destinatário e o objetivo de cada produção.

As produções escritas foram realizadas em sala de aula na UERN e os alunos dispuseram de até uma hora e meia para escreverem cada narrativa. Vale destacar que não foi permitido aos alunos consultar dicionários, gramáticas, livros textos ou, ainda, fazer perguntas ao pesquisador em relação aos usos lingüísticos dos pretéritos que seriam utilizados nas produções escritas.

A partir da coleta desses dados, foi feita a categorização, com base nos parâmetros que serão explicitados na seção 8.3.2.

4.4.1. Restrições e dados desconsiderados

Na análise dos dados, só consideramos as formas verbais repetidas, quando estas se diferenciam nos níveis: sintático, no tocante ao número de participantes; ou quando ocorrem em um contexto comunicativo diferente, o que confere outro sentido semântico à forma verbal repetida. Conforme Silva (2007), a repetição de uma mesma forma verbal com o mesmo sentido pode prejudicar o resultado da pesquisa na contagem de ocorrências, já que acarretaria na repetição dos mesmos parâmetros de análise.

Ex 01¹⁰: Yo no **sabía** lo que decir./ Eu não sabia o que dizer. (nº de participantes: 01).

Ex 02: Carla y Marcos **sabían** de la fiesta. / Carla e Marcos sabiam da festa. (nº de participantes: 02).

¹⁰ Todos os exemplos deste capítulo foram retirados do *corpus* de análise.

Além disso, em nosso trabalho, focamos, especificamente, as formas verbais dos tempos ora analisados, portanto desconsideramos as perífrases verbais, tais como estar a ponto de + infinitivo, começar a + infinitivo e seguir + gerúndio. Optamos por esta delimitação, devido à grande quantidade de dados a serem analisados.

Ex 03: Marcelo **empezó a bailar** conmigo./ Marcelo começou a dançar comigo.

4.4.2. Parâmetros de análise

Nesta seção, faremos uma breve exposição dos parâmetros de análise que foram utilizados nesta pesquisa, são eles:

- a) nível semântico-lexical : tipos de verbo conforme Vendler (1967);
- b) nível sintático-semântico: parâmetros de transitividade, conforme Hopper e Thompson (1980);
- c) nível textual-discursivo: figura e fundo, conforme Hopper e Thompson (1980).
- d) distribuição dos pretéritos perfeito (simple e composto) e imperfeito e inadequações em relação aos seus usos lingüísticos nas narrativas.

Optamos por adotar os níveis propostos por Silva (2007), em sua pesquisa de mestrado, com o propósito de considerar a possibilidade de comparação entre a sua pesquisa aplicada ao Português e a nossa ao Espanhol.

4.4.2.1. Nível semântico-lexical

Para a análise do nível semântico-lexical, adotamos a classificação, de caráter aspectual, proposta por Vendler (1967) para os tipos de verbos. Essa classificação sugere o modo como os verbos envolvem as noções de duratividade e de delimitação:

a) atividades: verbos que indicam situações cuja duração temporal não está definida. De acordo com Godói (1992), as atividades são situações que não apresentam um ponto de culminação, ou seja, não são pontuais e podem ser divididas em fases.

Ex 04: María **bailó** por la noche./ Maria dançou à noite.

Durante a noite, Maria executou a ação de dançar, mas isso não quer dizer que ela dançou a noite toda. Por outro lado, mesmo que a ação de dançar tenha sido interrompida por algum evento, permanece o fato de que, na maior parte do tempo, a ação foi realizada e não há um ponto de culminação da ação definido.

b) processos culminados: de acordo com Vendler (1967), estes verbos apresentam um ponto final definido para a ação e fazem referência a um segmento inteiro de tempo.

Ex 05: Carlos **viajó** hasta Madrid./ Carlos viajou até Madri.

Ao afirmar que Carlos viajou até Madri, fica implícito o término da ação no momento em que se chega a esse lugar, logo temos um ponto final definido que faz referência a um segmento inteiro de tempo (percurso da viagem).

c) culminações: de acordo com Vendler (1967), este tipo de verbo indica um ponto final definido para a situação expressada, que não ocorre em uma extensão temporal, ou seja, deve ocorrer em um momento específico, que não poderá ser alargado nem dividido em fases.

Ex 06: Camila **abrió** la puerta./ Camila abriu a porta.

A ação de abrir a porta denota um evento instantâneo, que ocorre em um momento definido e não pode ser alargado e tampouco, dividido em fases.

d) estado: conforme Vendler (1967), este tipo de verbo designa situações que ocorrem durante todos os pontos de um determinado período ou de um determinado número de momentos, logo, não pode ser dividido em etapas.

Ex 07: Ella **tenía** ojos azules./ Ela tinha olhos azuis.

O verbo que indica posse (ter) expressa uma característica física intrínseca do sujeito da oração que não é passível de modificação, desde que se mantenham as condições de existência do fato em questão. Portanto, designa uma realidade que ocorre em todos os pontos de um determinado período de forma homogênea, e, que não ser dividido em etapas

Por meio de uma tabela composta pelos tipos de verbos elencados por Vendler (1967), separamos as sentenças que apresentavam as formas verbais dos pretéritos perfeito simples e composto e do pretérito imperfeito do indicativo em Espanhol. A partir daí, empreendemos uma análise do nível semântico-lexical, levando em consideração a importância dos dados para o estabelecimento da coerência do texto narrativo, dentro de um contexto comunicativo e a proposta de Vendliana.

4.4.2.2. Nível sintático-semântico: parâmetros de transitividade

Para o estudo do valor do aspecto verbal no nível semântico-sintático, utilizaremos os dez parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980) para avaliar a transitividade, são eles: a) argumentos; b) cinese; c) aspecto; d) pontualidade; e) volitividade; f) polaridade; g) modo; h) agentividade; i) afetabilidade de objeto; j) individuação de objeto.

a) argumentos: é exigido que a forma verbal apresente, pelo menos, dois participantes para ser considerada de alta transitividade, por exemplo:

Ex 08: Carla y Marcos **sabían** de la fiesta. / Carla e Marcos sabiam da festa. (nº de participantes: 02).

b) cinese: faz alusão à característica do verbo em expressar ou não uma ação, verbos que indicam ação são considerados de alta transitividade.

Ex 09: Camila **abrió** la puerta./ Camila abriu a porta.

c) aspecto: diz respeito à idéia de completude da ação; as formas télicas, que indicam o final da ação, são consideradas de alta transitividade.

Ex 10: Camila **abrió** la puerta./ Camila abriu a porta.

d) pontualidade: faz referência a uma ação pontual, ou seja, a eventos instantâneos.

Ex 11: Camila **abrió** la puerta./ Camila abriu a porta.

e) volatividade: uma ação proposital, ou seja, que denota intenção ou propósito, portanto, é mais transitiva que uma involuntária.

Ex 12: Pedro la **invitó** para bailar, porque la amaba. / Pedro a convidou para dançar, porque a amava.

f) polaridade: se a ação expressa pelo verbo é positiva, apresentará uma alta transitividade, pois indica que a ação ocorreu de fato:

Ex 13: Pedro la **invitó** para bailar, porque la amaba. / Pedro a convidou para dançar, porque a amava.

g) modo: refere-se ao fato da ação expressa pelo verbo ser real ou irreal. A forma verbal que indica um evento real apresenta alta transitividade, pois denota uma ação efetiva.

Ex 14: **Hemos llegado** a un acuerdo/ Chegamos a um acordo.

h) agentividade: diz respeito ao fato de um sujeito (mais agentivo) apresentar um potencial maior na transferência de uma ação que o outro participante, sendo mais transitivo que o participante menos agentivo. Neste caso, o sujeito da oração é mais agentivo que o objeto.

Ex 15: Él la **impidió** a ella de salir de su casa. / Ele a impediu de sair de sua casa.

i) afetamento do objeto: um paciente (objeto) completamente mais afetado pela ação é mais transitivo que um objeto afetado de forma superficial ou ainda de maneira parcial.

Ex 16: Marisa **comió** toda la cena./ Marisa comeu todo o jantar.

h) individuação do objeto: um paciente (objeto) que se distingue pelas seguintes características: próprio, animado ou humano, concreto, contável, singular, referencial ou definido é mais transitivo que um paciente que apresenta características, tais como: comum, inanimado, abstrato, plural, incontável, não-referencial.

Ex 17: En aquella dia, él **peleó** con su novia./ Naquela noite, ele brigou com a sua namorada.

Por conta de considerações teóricas expostas no capítulo sobre o funcionalismo lingüístico, a proposta destes autores apresenta-se como adequada para dar suporte a nossas análises, pois avaliam a transitividade a partir de dez parâmetros, não se limitando a uma simples verificação de sua existência ou ausência, como o faz a tradição gramatical. Procuramos verificar de que modo as formas verbais dos pretéritos perfeito simples e composto e do imperfeito do indicativo em Espanhol relacionam-se com os parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980).

Analisamos a transitividade, numa escala de 0 a 10. Em uma dada oração, se a forma verbal contempla somente de 0 a 04 parâmetros indicadores de transitividade, o nível de transitividade será considerado baixo. Por outro lado, se, na oração em análise, o verbo contemplar 05 parâmetros, então o seu nível de transitividade será considerado mediano, o que segundo Catelan e Ravagnani (2002), equivale ao que a Estatística classifica como o valor da Mediana, pois divide a frequência de ocorrência dos dados ao meio. Neste caso, a quantidade expressa não indicaria nem alto, e nem baixo, o valor do nível da transitividade. Desse modo, descartaremos os dados que apresentem 5 como nível de transitividade. Em contrapartida, se a forma verbal contempla de 06 a 10

parâmetros, então o seu nível de transitividade será considerado alto, conforme esquema proposto a seguir.

Escala de Transitividade:



4.4.2.3. Nível textual-discursivo: figura e fundo

Os conceitos de figura e fundo tentam dar conta dos fenômenos pragmático-discursivos (conforme Hopper e Thompson (1980)). Adotamos este critério em nossa pesquisa, pois é essencial verificarmos qual o papel dos pretéritos, em relação à organização dos fatos em um texto e à forma como o falante apresenta a informação, ou seja, de que tipo de tempo verbal ele lança mão.

Em uma narração (tipo textual escolhido para a nossa pesquisa), como em qualquer outro discurso, podemos distinguir estes dois planos da informação. A figura que corresponde à informação tida como essencial e diz respeito ao desenvolvimento do relato mediante a apresentação seqüencial dos fatos que a constituem. Por outro lado, o fundo equivale ao que é considerado como acessório na narração. A partir dessa organização no texto, supomos que os pretéritos perfeitos simples e composto aparecem bem mais em sentenças verbais caracterizadas como figura e que o pretérito imperfeito é mais freqüente em construções verbais caracterizadas como fundo. As formas perfectivas indicam a progressão da narração, em contrapartida, as formas imperfectivas são mais utilizadas em descrições e caracterizações.

Ex: En un cierto día del mes de junio, **estaba** en el trabajo cuando de pronto **llegó** una mujer... / Num certo dia do mês de junho, estava no trabalho, quando de repente chegou uma mulher....

Neste exemplo, podemos verificar que a forma verbal perfectiva (chegou) indica a progressão da narrativa, e, portanto atua como figura. Por outro lado, a forma

imperfectiva (estava) contribui para a localização do cenário do fato narrado, configurando-se como fundo da narrativa.

4.4.2.4. Distribuição dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito e as inadequações em relação aos seus usos lingüísticos nas narrativas

Para a análise quantitativa da distribuição dos pretéritos, consideramos a metodologia utilizada por Liskin-Gasparro (2000) e os estudos de Salaberry (2003) e de Potowski (2005). Estes autores, após a tabulação e classificação dos verbos, examinaram o possível impacto dos níveis semântico-lexical e discursivo no uso dos pretéritos perfeito e imperfeito em narrativas pessoais e fictícias tanto em produção oral quanto escrita. No primeiro momento, analisaram a possível influência do tipo de proposta no uso do Tempo e do Aspecto em narrativas pessoais e de ficção produzidas por estudantes de forma oral e escrita. Posteriormente, foi analisado se o Aspecto lexical influencia na escolha pelos alunos entre os pretéritos perfeito e imperfeito. Por último, se os alunos usaram um pretérito em lugar de outro e em que contextos.

Em nossa pesquisa, após a coleta do *corpus* e posterior quantificação da totalidade de verbos, utilizados por cada aluno, tabulamos os acertos e as inadequações dos usos lingüísticos dos pretéritos em estudo, no que diz respeito à utilização de um pretérito em lugar de outro. Para avaliar se houve inadequação em relação aos usos dos pretéritos, tomamos por base o aporte teórico sobre esses tempos, explicitado no capítulo 3, as pesquisas de aquisição do Aspecto, explicitadas no capítulo 1, e um teste realizado com 10 professores de Espanhol graduados há, no mínimo, 3 anos e com experiência no ensino de Língua Espanhola a brasileiros. O objetivo, na aplicação do referido teste, foi o de verificar se os equívocos produzidos pelos alunos interferem na compreensão da mensagem em uma situação real de interação verbal, dentro de um contexto comunicativo. Vejamos o referido teste:

TESTE

O uso dos pretéritos em destaque, nos enunciados abaixo, altera o sentido da mensagem?

- () Ayer Carla se cayó de la bici, pero no le **pasaba** nada. / Ontem Carla caiu da bicicleta, mas não lhe aconteceu nada.
- () En este año, **fuimos** a la casa de Marcos. / Neste ano, fomos à casa de Marcos.
- () Mis padres se fueron y **dejaron** añoranzas hasta hoy. / Meus pais se foram e deixaram saudades até hoje.
- () Mientras Paula **hizo** la cena María limpiaba la casa. / Enquanto Paula fez o jantar Maria limpava a casa.
- () Carla siempre **fue** a la casa de sus padres. / Carla sempre foi à casa de seus pais.
- () **Ha sido** una casa muy grande y llena de muebles. / Foi uma casa muito grande e cheia de móveis.
- () Hasta hoy este problema nos **trajo** muchos daños. / Até hoje este problema nos trouxe muitos danos.
- () En el año pasado Carlos **estaba** en Madrid. / No ano passado Carlos estava em Madri.
- () En aquellos días **he estado** preocupado con las deudas. / Naqueles dias estive preocupado com as dívidas.
- () La tarjeta de crédito **trajo** grandes adelantos en los últimos años. / O cartão de crédito trouxe muitos avanços nos últimos anos.
- () Le **gustó** tanto la lectura que sus padres dieron muchos libros. / Ele gostou tanto da leitura que seus pais lhe deram muitos livros.
- () **Ha sido** una muchacha de veinte años y llevaba una saya muy corta. / Foi uma garota de vinte anos.

() Nunca **tuvo** ningún amigo./ Nunca teve nenhum amigo.

() En aquél momento, él me miró y le **he dicho** la verdad./ Naquele momento, ele me olhou e me disse a verdade.

() Todos los días **fui** a la universidad./ Todos os dias fui à universidade.

() Un tiempo después, **salíamos** del hospital y vimos a mi hermano./ Um tempo depois, saíamos do hospital.

Vale destacar, ainda, que procuramos relacionar, na análise, a questão da seleção dos pretéritos perfeito e imperfeito pelos alunos com: o aspecto lexical, os critérios de transitividade e a relação figura e fundo.

5. Descrição e análise dos dados

Neste capítulo, serão analisados os dados obtidos na coleta conforme os parâmetros e requisitos da pesquisa expostos no capítulo anterior. Além disso, faremos considerações sobre as dificuldades dos alunos, no tocante ao uso das formas de pretéritos perfeito e imperfeito, encontradas nas narrativas.

Obtivemos um total de 764 dados, sendo que 354 desses são de formas do pretérito perfeito simples, 46,3% do total, 181 de pretérito perfeito composto, 23,7% do total, e 229 de pretérito imperfeito, o que equivale a 30% do total.

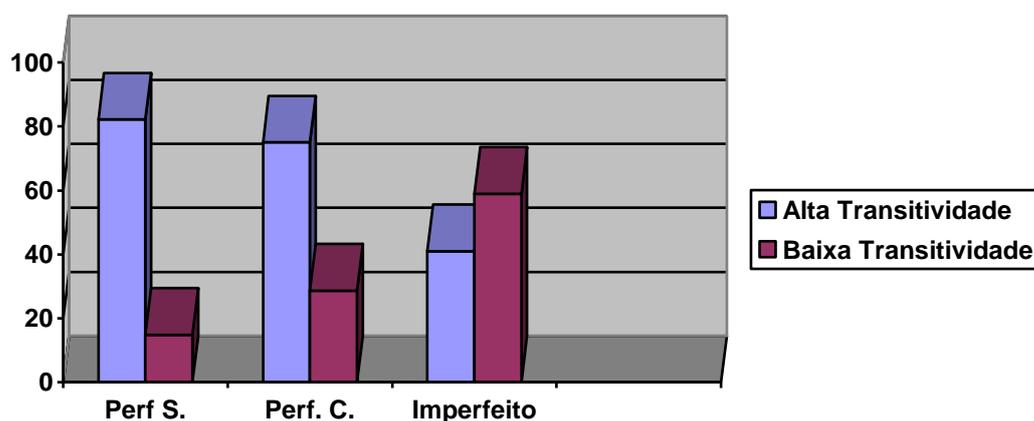
5.1. Nível sintático-semântico: parâmetros de transitividade

Levando em consideração apenas as formas verbais cujos valores na aplicação dos parâmetros de transitividade se encontrassem numa escala de 0 a 4 parâmetros (transitividade baixa) ou ainda, de 06 a 10 parâmetros (transitividade alta). Temos na mesura da transitividade das narrativas, um total de 748 dados: 344 formas do pretérito perfeito simples, 176 formas do pretérito perfeito composto e 228 formas do pretérito imperfeito.

Em contrapartida, 16 formas verbais dos pretéritos supracitados apresentaram 05 parâmetros de transitividade, 2% do total, um valor médio que, em termos estatísticos, não poderia determinar nem alto nem baixo nível de transitividade.

O gráfico 1, apresenta-nos o percentual de transitividade nas formas dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito.

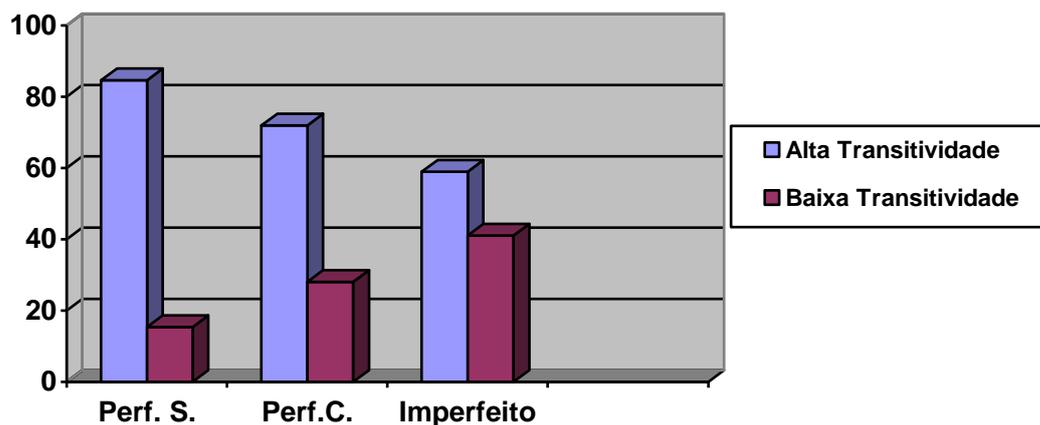
Gráfico 1: Nível de transitividade em formas do Perfeito e do Imperfeito (%)



Das 344 formas do pretérito perfeito simples válidas, somente 53 delas, 16,4%, apresentaram baixo nível de transitividade, ou seja, obtiveram de 0 a 4 parâmetros indicadores de transitividade. Por outro lado, 291 formas, 83,6%, apresentaram de 6 a 10 parâmetros, ou seja, um alto nível de transitividade. Com relação ao pretérito perfeito composto, das 176 formas válidas, apenas 40 formas, 22,8% do total, apresentam baixo nível de transitividade. 136 casos, 77,2% do total, apresentaram de 6 a 10 parâmetros, ou seja, alta transitividade. Dentre as 228 válidas do pretérito imperfeito, 134 ocorrências, 59% do total, apresentam baixo nível de transitividade. 94 formas, 41%, aplicam-se de 6 a 10 parâmetros, ou seja, apresentam alto nível de transitividade.

Desse modo, num total de 748 dados válidos analisados, nesta pesquisa, dentre as formas dos pretéritos perfeito simples e composto e pretérito imperfeito, foram obtidos 521 casos (72,2%) de alta transitividade e 227 casos (27,8%) de baixa transitividade. A partir do que foi exposto, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 2: Nível de transitividade em dados válidos (%)



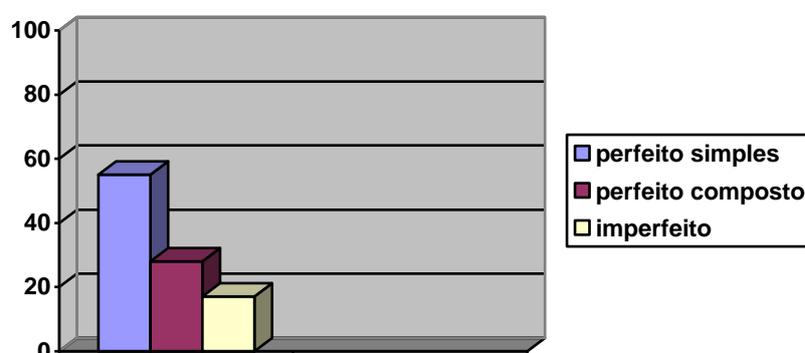
Nas subseções a seguir, faremos a descrição dos dados dos pretéritos perfeito simples e composto e pretérito imperfeito, conforme os seguintes parâmetros de análise da transitividade: argumentos, cineses, aspecto, pontualidade, volitividade, polaridade, modo, agentividade, afetabilidade do objeto, individuação de objeto. Dessa forma, objetivamos mostrar quais parâmetros aparecem com maior frequência nos pretéritos em estudo, nesta pesquisa.

A partir dos dados explicitados no gráfico acima, podemos verificar que maioria dos dados são de formas do pretérito perfeito simples, que apresentam o maior nível de transitividade. Em seguida, temos os dados do pretérito perfeito composto que em sua maioria, apresentam uma transitividade alta. Por último, temos as formas do imperfeito que foram as menos utilizadas pelos alunos e as que apresentam o menor grau de transitividade em relação aos outros tempos analisados.

5.1.1. Número de argumentos

Hopper e Thompson (1980) enumeram o primeiro parâmetro de transitividade, que diz respeito ao número de argumentos. Nesse sentido, o nível de transitividade é definido a partir da quantidade de argumentos presentes na sentença em análise. Para que a forma verbal seja considerada de alta transitividade, deve possuir pelo menos dois argumentos. Quanto maior o número de argumentos, maior será a possibilidade de transferência da ação de um participante para outro. A seguir, apresentamos o gráfico com os resultados obtidos em nossa coleta de dados.

Gráfico 3: Número de argumentos e uso dos pretéritos (%)



De acordo com os parâmetros de Hopper e Thompson (1980), o pretérito perfeito apresenta alta transitividade, por outro lado, o pretérito imperfeito aponta para baixa transitividade. Em nossa pesquisa, dos 764 dados analisados, 443 dados, ou seja, 57,98%, apresentaram dois ou mais argumentos. Dessa totalidade, 246 formas são do pretérito perfeito simples, 55,5%; 122, do perfeito composto, 27,5%; e 75 de pretérito imperfeito, ou seja, 17%. A partir deste panorama, pudemos constatar que as formas do perfeito, de modo geral, possuem um maior número de argumentos nas narrativas, logo, apresentam um maior nível de transitividade que as formas do imperfeito. Vejamos o exemplo:

Ex 1: Una vez cuando **vivía** en la ciudad de Campina Grande, iba para casa de vacaciones. / Uma vez quando **vivia** na cidade de Campina Grande, ia para casa de férias. (nº de participantes: 01).

No exemplo (1), podemos verificar a confirmação do que foi exposto anteriormente, ou seja, que as formas do imperfeito tendem a apresentar um menor número de argumentos. Nesse exemplo, o verbo **vivir** apresenta apenas um argumento.

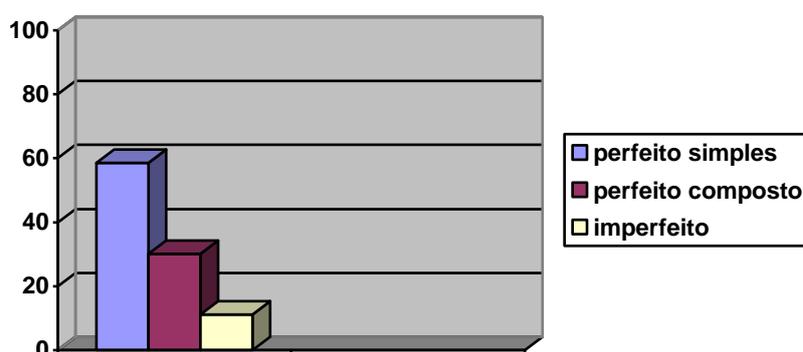
Ex 1: Ayer María y Patricia **acabaron** de llegar de la iglesia y fueron a una fiesta, pero hoy se **han quedado** en casa. / Ontem Maria e Patricia **acabaram** de chegar da igreja e foram a uma festa, mas hoje **ficaram** em casa. (nº de participantes: 02).

No exemplo (2), temos dois argumentos para ambas as formas do pretérito perfeito, o que confirma o predomínio de dois argumentos para as formas dos pretéritos perfeito (simples e composto).

5.1.2. Cinese

O segundo parâmetro de transitividade, focado nesta análise, refere-se à Cinese, ou seja, diz respeito à característica do verbo em expressar ou não uma ação, verbos que indicam ação são considerados de alta transitividade. Vejamos os resultados expostos no gráfico a seguir:

Gráfico 4: Cinese e uso dos pretéritos (%)



Dentre as 764 formas analisadas, obtivemos 438 ocorrências de formas verbais denotando ação, ou seja, 57,32% das formas. Destas, encontramos 257 formas do pretérito perfeito simples indicando ação, ou seja, 58,8%; 132 de perfeito composto,

ou seja, 30%; e 49 de imperfeito, ou seja, 11, 2%. A partir do que foi exposto, podemos constatar que a ação tende a ser expressa por verbos que estejam nos pretéritos perfeito simples e composto. Vejamos o exemplo a seguir:

Ex 3: Camila **abrió** la puerta, **necesitaba** hablar con su madre./ Camila **abriu** a porta, porque **necessitava** falar com a sua mãe.

No exemplo (3), temos uma forma do perfeito simples e uma do imperfeito. O verbo abrir, no perfeito simples, denota ação, já o verbo no imperfeito, em destaque, indica necessidade.

Ex 4: Este mes **he caminado** todos los días./ Este mês **caminhei** todos os dias.

No exemplo (4), verificamos que a forma do pretérito perfeito composto denota movimento, logo apresenta cinese.

5.1.3. Aspecto

O terceiro parâmetro diz respeito ao Aspecto verbal, ou seja, faz referência à idéia de completude ou incompletude da ação. De acordo com Comrie (1990), o Aspecto pode dar-se sem distinção de etapas (aspecto perfectivo) ou em sua constituição interna (aspecto imperfectivo).

A partir dessa classificação, temos as formas perfectivas ou télicas, ou seja, aquelas formas verbais que apresentam, na sentença, um final inerente para a ação desencadeada, é o caso das formas verbais dos pretéritos perfeito simples e composto. Em contraposição, as formas verbais imperfectivas ou atélicas são aquelas que não apresentam um final demarcado para a ação iniciada no passado, é o caso das formas verbais do pretérito imperfeito.

Segundo Comrie (1990), a diferença entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto é também aspectual, pois, não se estabelece uma relação entre dois pontos no tempo, e sim a relevância de uma situação passada no momento da enunciação. Portanto, a diferença é aspectual e não temporal. As duas formas são

télicas, porém o pretérito perfeito composto, conforme foi explicitado no capítulo 3, expressa fatos no passado que mantêm relação com a zona temporal em que se encontra o falante. Neste caso, apesar de apresentar um ponto final delimitado para a ação o pretérito perfeito composto é menos télico que o pretérito perfeito simples, devido à relevância presente (continuidade da ação no presente). Por isso, podemos considerar o pretérito perfeito simples mais transitivo. Analisemos o exemplo abaixo:

Ex 5: Paula nunca **ha ido** a Madrid./ Paula nunca **foi** a Madri.

No exemplo (5), observamos um fato no passado que se relaciona com o momento atual do falante. Pois, Paula desde seu nascimento até o momento da enunciação não foi a Madri. A ação expressa pelo verbo é negada até a situação atual, e, não há uma previsão para a ida de Paula a esta cidade.

No que tange à questão da transitividade, conforme Hopper e Thompson (1980), as formas télicas ou perfectivas apresentam um alto nível de transitividade; em contrapartida, as formas atélicas ou imperfectivas possuem um baixo nível de transitividade. Em nosso estudo, todas as formas do pretérito imperfeito apresentaram um baixo nível de telicidade, ao passo, as formas dos pretéritos perfeitos simples e composto apresentaram um alto nível de telicidade, como podemos verificar no gráfico a seguir:

Gráfico 5: Telicidade e o uso dos pretéritos (%)



Das 764 formas verbais coletadas, 535 apresentaram o aspecto perfectivo, sendo 181 do pretérito perfeito composto e 354 do perfeito simples. Todas estas formas do perfeito apresentam um alto nível de transitividade, o que corresponde a 70% do total de formas analisadas. Por outra parte, todas as 229 formas do pretérito imperfeito apresentam um baixo nível de transitividade, ou seja, 30% do total de formas. Vejamos um exemplo, a seguir, de uma forma perfectiva:

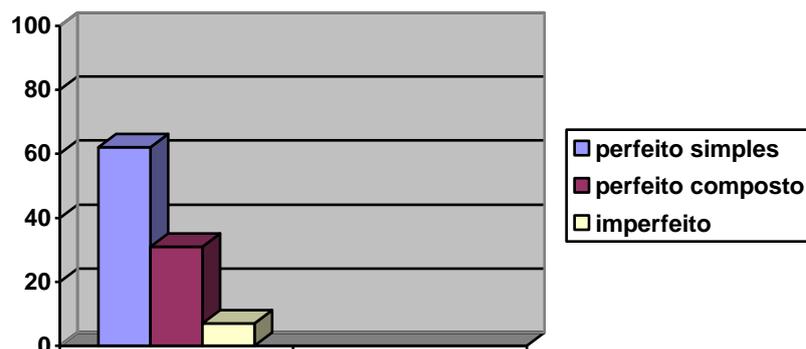
Ex 06: Yo y la chica **viajamos** hasta Natal. / Eu e a garota **viajamos** até Natal.

Neste exemplo, podemos verificar que a forma verbal perfectiva, apresenta um final inerente, delimitado pelo ponto de chegada, no caso, a cidade de Natal.

5.1.4. Pontualidade

O quarto parâmetro analisado neste estudo é a pontualidade. As formas verbais que denotam ações pontuais, são as que apresentam um alto nível de transitividade, posto que a ação desencadeada ocorre imediatamente. Pois, o instante em que a ação acontece e o instante em que o objeto recebe esta ação são os mesmos. Vejamos de que forma estas ações acontecem com os pretéritos em estudo a partir do gráfico abaixo:

Gráfico 6: Pontualidade e o uso dos pretéritos



Das 764 formas analisadas, 529 formas apresentaram o parâmetro de pontualidade, 69, 2%. Desse total, 327 formas são do pretérito perfeito simples, 62%. Já as formas do perfeito composto somam-se 163, ou seja, 31 %. Com o imperfeito, obtivemos somente 39 formas, ou seja, 7% do total. Vejamos os exemplos a seguir:

Ex 07: La mujer **ha hablado** que su hija **necesitaba** mucho hacer un viaje, pues ayer **cayó** de la bici. / A mulher **falou** que a sua filha **necessitava** muito fazer uma viagem, pois ontem caiu da bicicleta.

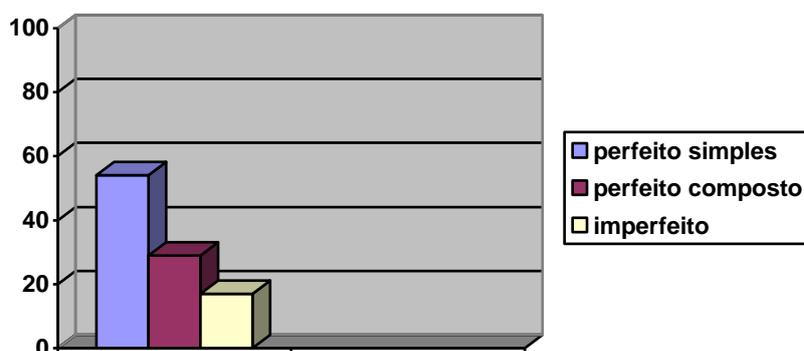
Neste exemplo, as forma no pretérito perfeito denotam uma ações pontuais, ou seja, a mulher falou e a sua filha caiu, naquele dado momento, não houve nenhuma fase de transição ou duração para estas ações. Por outro lado, com o verbo no imperfeito “necessitar”, temos um espaço maior de tempo, já que não se trata de uma ação pontual e, por conta disso, possui baixo nível de transitividade.

5.1.5. Volitividade

O quinto parâmetro de transitividade de nosso estudo é a volitividade. Esta propriedade indica a intenção ou o propósito do agente ao realizar a ação expressa pelo verbo. Quando a forma verbal apresenta esta intenção ou propósito, então possui um alto nível de transitividade. Por outra parte, se a intenção por parte do agente apresenta-se oculta ou, ainda, indefinida denota transitividade baixa. Então, esta forma apresenta

um baixo nível de transitividade no que diz respeito a este parâmetro. Vejamos a distribuição deste parâmetro, nos tempos em estudo, no gráfico abaixo

Gráfico 7: Volitividade e uso dos pretéritos (%)



Da totalidade de formas analisadas, 451 atenderam a este parâmetro, o que corresponde a 59% do total. Dessas, 242 são do pretérito perfeito simples, ou seja, 54%. Com o perfeito composto, obtivemos 131 formas, 29%. Já com o imperfeito, foram encontradas apenas 78 formas, 17% do total de dados analisados. A partir do que foi exposto, podemos deduzir que este parâmetro é mais recorrente nas formas dos pretéritos perfeitos simples e composto, principalmente, no primeiro tempo, conforme o gráfico acima. Dessa forma, as formas do pretérito perfeito apresentam um nível maior de transitividade do que as formas do imperfeito. Vejamos os exemplos a seguir:

Ex 08: Pedro la **invitó** para bailar, porque la **amaba**. / Pedro a **convidou** para dançar, porque a **amava**.

A forma verbal do imperfeito *amar* não apresenta uma intenção ou propósito definido previamente pelo agente, pois amar alguém não é uma ação que denote um alto grau de volitividade, pois ninguém planeja amar a outra pessoa. Por outro lado, a ação de convidar a mulher para dançar é algo intencional por parte do agente da frase, pois ele nutre um sentimento pela pessoa a quem irá fazer o convite para dançar.

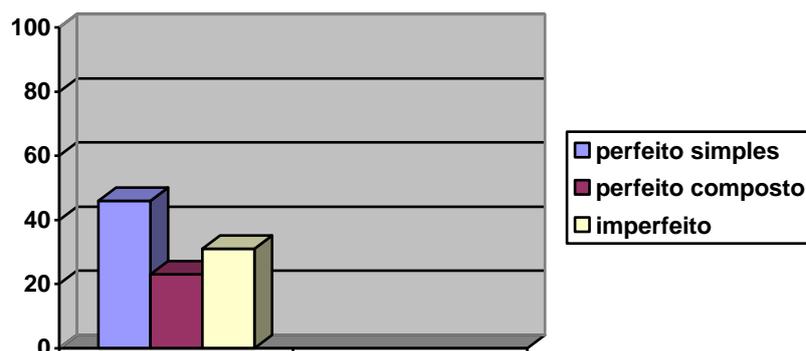
Ex 09: Él no la **ha perdonado**, puesto que la odia. / Ele não a **perdoou**, pois a odeia.

A forma verbal do pretérito perfeito composto *perdoar* apresenta uma intenção ou propósito definido previamente pelo agente, já que não a perdoou, por conta do fato de odiá-la. Portanto, a ação de negar o perdão denota um alto grau de volitividade, pois é intencional.

5.1.6 Polaridade

O sexto parâmetro de transitividade abordado neste estudo diz respeito à polaridade das formas verbais. De acordo com Hopper e Thompson (1980), se a ação expressa pelo verbo é positiva, apresentará uma alta transitividade, pois indica que a ação ocorreu de fato. Por outro lado, as sentenças interrogativas não asseguram a realização do fato e as negativas afirmam que não houve a concretização de tal fato. Por isso, possuem um baixo nível de transitividade. Em todas as narrativas analisadas, prevaleceu o uso de sentenças afirmativas, logo, tanto as formas do pretérito imperfeito como as dos pretéritos perfeitos simples e composto apresentaram um alto nível de transitividade no que diz respeito a este parâmetro em análise. Vejamos a ilustração deste fato, no gráfico a seguir:

Gráfico 8: Polaridade positiva e ocorrências de Perfeito e Imperfeito (%)



Das 764 formas analisadas, a maioria é afirmativa. Dessas, 354 formas são do pretérito perfeito simples, 46 %. Com o pretérito perfeito composto, obtivemos 179 formas, ou seja, 23% do total. Já o imperfeito apresentou 227 formas, 31% do total. Podemos inferir, a partir da situação exposta acima, que as narrativas pessoais e fictícias favoreceram a predominância de sentenças positivas na utilização de todos os tempos verbais em estudo. Vejamos os exemplos a seguir:

Ex 10: En un cierto día del mes de junio, **estaba** en el trabajo cuando de pronto **llegó** una mujer... en este momento, **hemos estado** nerviosos./ Num certo dia do mês de junho, estava no trabalho, quando de repente chegou uma mulher.... neste momento, **estivemos** nervosos.

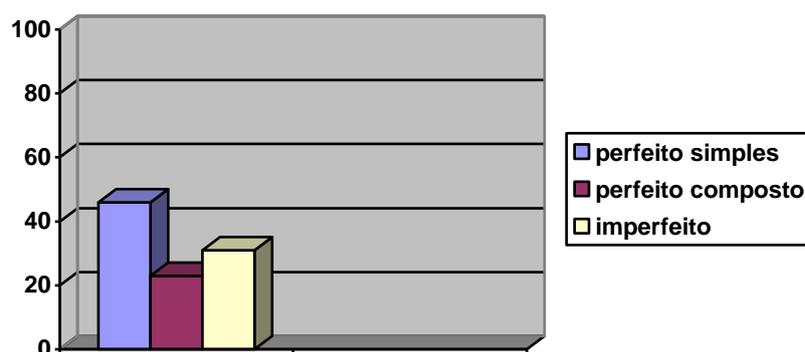
Nesse exemplo, temos um trecho de uma narrativa analisada. Verificamos que todas as formas verbais presentes denotam ações positivas, ou seja, a realização do fato narrado, tanto para a forma no imperfeito quanto para as formas do pretérito perfeito.

5.1.7. Modalidade

O sétimo parâmetro utilizado nesta pesquisa diz respeito à modalidade, ou seja, refere-se ao fato da ação expressa pela forma verbal da sentença ser real ou irreal. A forma verbal que indica um evento real apresenta alta transitividade, pois denota uma ação efetiva. Em todas as narrativas analisadas, prevaleceu o uso de sentenças que denotam ações reais e efetivas. Portanto, tanto as formas do pretérito imperfeito como

as dos pretéritos perfeitos simples e composto apresentaram um alto nível de transitividade no que diz respeito a este parâmetro em análise. Vejamos a ilustração de tal realidade constada, a partir do gráfico que segue

Gráfico 9: Modalidade *realis* e ocorrências de Perfeito e Imperfeito (%)



Das 764 formas analisadas, a maioria apresentou um alto nível de transitividade em relação a este parâmetro, ora analisado. Destas, 354 formas, são do pretérito perfeito simples, 46%. Com o pretérito perfeito composto, obtivemos 179 formas, ou seja, 23% do total. Já o imperfeito apresentou 227 formas, 31% do total. Podemos verificar que o comportamento apresentado por este parâmetro é o mesmo apresentado pelas formas verbais do parâmetro analisado anteriormente. Atribuindo esse resultado ao tipo narrativo, no caso, as narrativas pessoais e fictícias, que compõem o *corpus* desta pesquisa. Vejamos, a título de demonstração, os exemplos a seguir:

Ex 11: **Hemos llegado** a un acuerdo./ **Chegamos** a um acordo.

Ex 12: Manuel **tuvo** una gran oportunidad./ Manoel **teve** uma grande oportunidade.

Ex 13: María **estaba** enferma./ Maria **estava** doente .

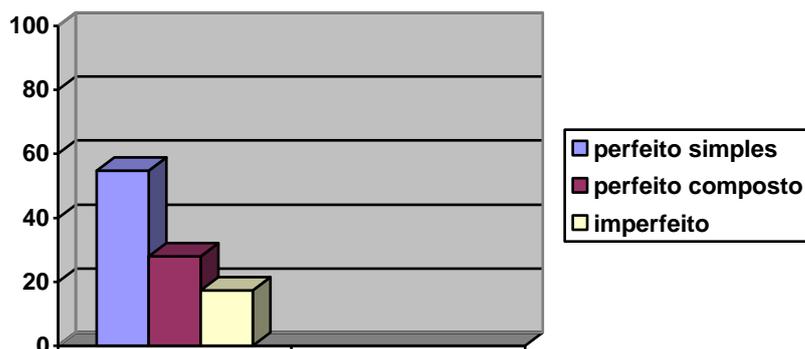
Nesses exemplos, temos a efetivação de cada fato narrado. Temos a certeza da realização destes, pois, trata-se de uma sentença afirmativa. Por outro lado, se tivéssemos uma sentença interrogativa, ou formas verbais no subjuntivo, haveria dúvida quanto à realização de tal fato, ou ainda, se houvesse uma asertiva negativa, constataríamos a não-realização deste.

5.1.8. Agentividade

O oitavo parâmetro diz respeito ao potencial de agentividade de um sujeito na transmissão de uma ação para outro participante. Será mais transitivo o participante da oração com maior potencial de agentividade, ou seja, que possa transmitir de modo mais efetivo uma ação, de modo que o que recebe tal ação, não terá o mesmo potencial. Portanto, o último terá um menor potencial de agentividade e, por conseguinte, será menos transitivo. Neste caso, o sujeito da oração é mais agentivo que o objeto.

Do total de formas verbais analisadas, 471 apresentaram um alto nível de transitividade, em relação a este parâmetro, ou seja, 61,6%. Destas, 258 formas são do pretérito perfeito simples, o que corresponde a 54,7%. Com o pretérito perfeito composto, obtivemos 132 formas, 28% do total. Já o imperfeito apresentou 81 ocorrências, ou seja, 17,3%. Com base nos dados exposto, podemos concluir que as formas do perfeito, principalmente, do perfeito simples, tendem a apresentar um caráter mais agentivo, do argumento I (sujeito), que as formas do imperfeito. Vejamos a ilustração desta constatação no gráfico a seguir:

Gráfico 10: Agentividade e ocorrências de Perfeito e Imperfeito (%)



Após a visualização dos dados expostos, no gráfico acima, consideremos os exemplos abaixo:

Ex 14: Él la **impidió** a ella¹¹ de salir de su casa. / Ele a **impediu** de sair de sua casa.

Ex 15: Marcelo la **obligó** a ella a coger un autobus. / Marcelo a **obrigou** pegar um ônibus.

Ex 16: Ella **maltrató** al niño. / Ela **maltratou** o garoto.

Nesses exemplos, podemos verificar que, o argumento I (sujeito) apresenta um alto poder de agentividade em relação ao argumento II (objeto), pois o agente de ação impede a outra pessoa de realizar algo, no primeiro caso, de sair de casa. Observemos, ainda, que o argumento II possui um poder de agentividade menor que o argumento I, já que não pode impedi-lo de realizar qualquer ação, segundo inferimos da sentenças ora apresentadas.

5.1.9. Afetamento do objeto

O nono parâmetro de análise de transitividade utilizado nesta pesquisa diz respeito ao afetamento do objeto. Neste caso, um paciente (objeto) completamente mais

¹¹ Em Espanhol é aceitável a repetição do mesmo complemento verbal na oração, o que não ocorre em Português.

afetado pela ação é mais transitivo que um objeto afetado de forma superficial ou ainda de maneira parcial. Para a avaliação do grau de afetamento do objeto em questão, consideramos com um nível maior de transitividade as formas verbais que denotem mudanças ou efeitos físicos sofridos pelo objeto atingido pela ação verbal. Vejamos os exemplos a seguir:

Ex 17: Marisa **comió** toda la cena./ Marisa **comeu** todo o jantar.

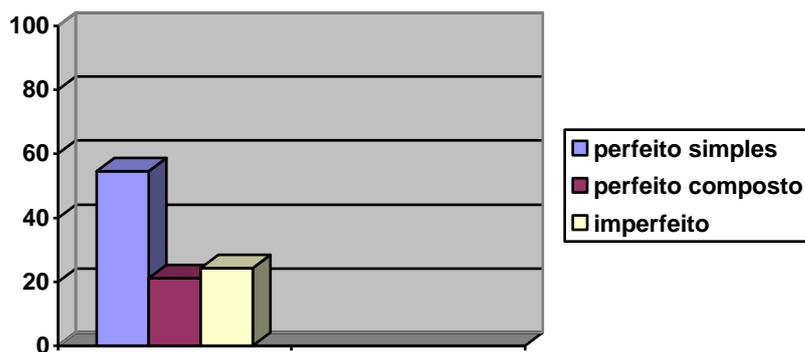
Ex 18: Carlos **ha bebido** todas las cervezas./ Carlos **bebeu** todas as cervejas.

Ex 19: Henrique **bebía** un poco de leche./ Henrique **bebia** um pouco de leite.

Nos dois primeiros exemplos, temos sentenças nas quais o objeto em questão, no caso o jantar, no primeiro exemplo, foi totalmente atingido pela ação de comer desenvolvida pelo sujeito Marisa. A palavra “toda” não deixa dúvida de que o afetamento do objeto foi completo pela ação desencadeada pelo verbo. Nesse sentido, temos um alto nível de transitividade, para a forma verbal, no que diz respeito a este parâmetro. Em contrapartida, no exemplo (19) o objeto, no caso o leite, foi atingido de forma parcial, já que o sujeito Henrique tomou parte dele, o que denota transitividade baixa.

Das 764 formas analisadas, obtivemos somente 222 dados com este parâmetro, o que corresponde a 29% do total. Destas, 121 formas são do pretérito perfeito simples, ou seja, 54,5%. Com o pretérito perfeito composto, tivemos 47 formas, 21,2%. Já com o imperfeito, foram encontradas 54 formas, 24,3%. Com base nesses dados, podemos verificar que as ações desencadeadas pelo pretérito perfeito simples tendem a afetar mais o objeto do que uma ação que esteja no pretérito perfeito composto ou ainda, no imperfeito. Vejamos a ilustração de tal constatação no gráfico abaixo:

Gráfico 11: Afetamento do objeto e ocorrências de Perfeito e Imperfeito (%)



5.1.10. Individuação do objeto

O décimo parâmetro de análise diz respeito à individuação do objeto, ou seja, uma forma verbal possui um alto nível de transitividade, neste caso, quando a ação desencadeada por ele for transferida para um objeto individuado. Classificamos se o objeto é individuado ou não-individuado a partir de alguns fatores propostos por Hopper e Thompson (1980): a) individuado (próprio, animado ou humano, concreto, contável, singular, referencial ou definido); b) não-individuado (comum, inanimado, abstrato, plural, incontável, não-referencial). Na análise dos dados, consideramos como individuado e, portanto, com alto nível de transitividade o objeto contendo, pelo menos, 4 das características propostas para individuado.

Vejamos o exemplo a seguir:

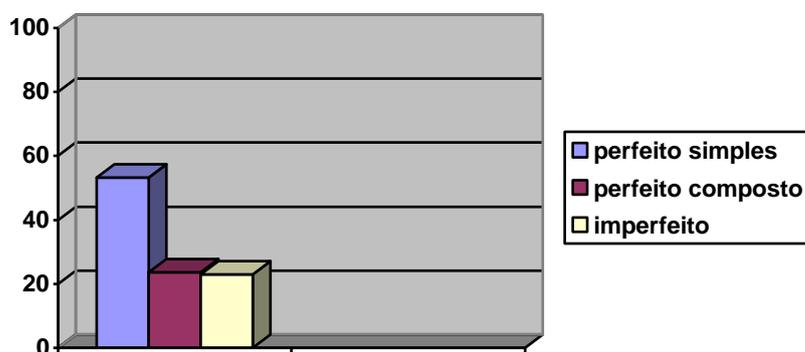
Ex 20: En aquella dia, él **peleó** con su novia./ Naquela noite, ele **brigou** com a sua namorada.

Ex 21: Esta semana Marcelo **ha ido** a Barcelona./ Esta semana Marcelo **foi** a Barcelona.

Ex 22: Ella **vivía** con su hijo en Brasil./ Ela **vivia** com seu filho no Brasil.

Nesses exemplos, as formas verbais em destaque apresentam um alto nível de transitividade em relação a este parâmetro de análise. Os objetos das ações desencadeadas pelos verbos nos pretéritos caracterizam-se, cada um, como um objeto individuado, já que atendem aos fatores propostos por Hopper e Thompson (1980), são eles: próprio, humano, animado, concreto, singular e determinado. Vejamos a ocorrência deste parâmetro nas formas foco do nosso estudo no gráfico a seguir:

Gráfico 12: Individuação do Objeto e ocorrências de Perfeito e Imperfeito (%)



Das 764 formas analisadas, apenas 223 formas apresentaram um alto nível de transitividade no tocante à individuação do objeto, ou seja, 29,2% do total. Dessas, 119 formas são do pretérito perfeito simples, o que corresponde a 53,3%. Com o pretérito perfeito composto, obtivemos 53 formas, 23,7%. Já para o imperfeito, somam-se 51 formas, ou seja, 23%. A partir destes dados, podemos verificar que as formas do perfeito simples tendem a apresentar uma ocorrência maior de objetos individuados do que as formas do perfeito composto e do imperfeito. Portanto, as formas do perfeito possuem um grau maior de individuação do objeto e, por conseguinte, um alto nível de transitividade em relação aos outros tempos enfocados neste estudo.

5.1.11. Considerações em relação aos parâmetros de transitividade

Nesta subseção, faremos um breve apanhado, por meio de gráficos, sobre as ocorrências dos parâmetros de transitividade nas narrativas analisadas nesta pesquisa. Com isso, objetivamos uma melhor visualização do nível de transitividade nos dados. A partir desse intento, apresentamos, a seguir, quatro gráficos: no primeiro, consideramos

os 764 dados; no segundo, o total de formas do pretérito perfeito simples; no terceiro, o total de dados do pretérito perfeito composto e por último, temos o total de formas do imperfeito.

Gráfico13: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em todos os dados (%)

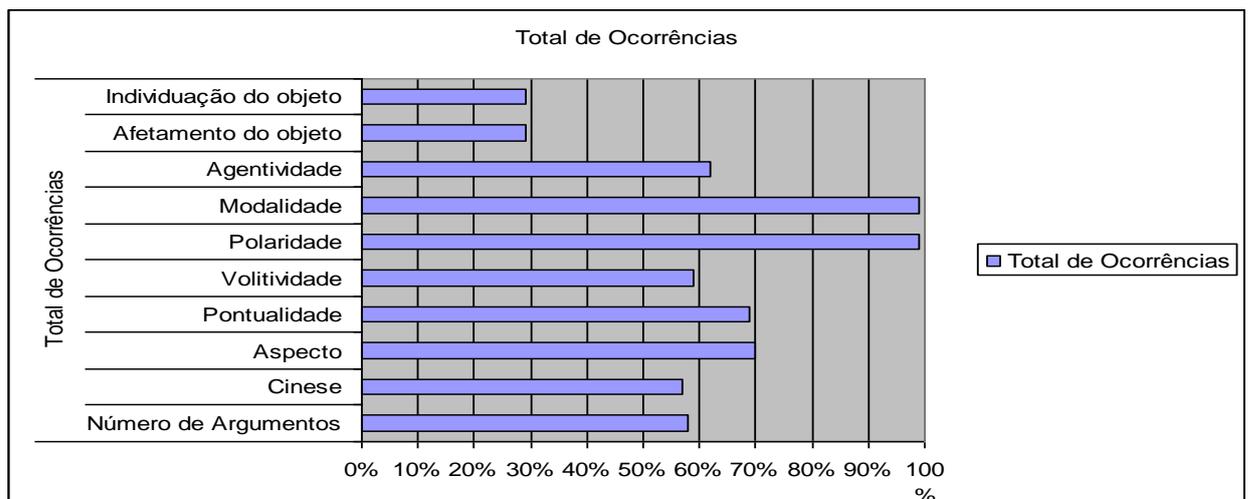


Gráfico 14: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Pretérito Perfeito Simples (%)

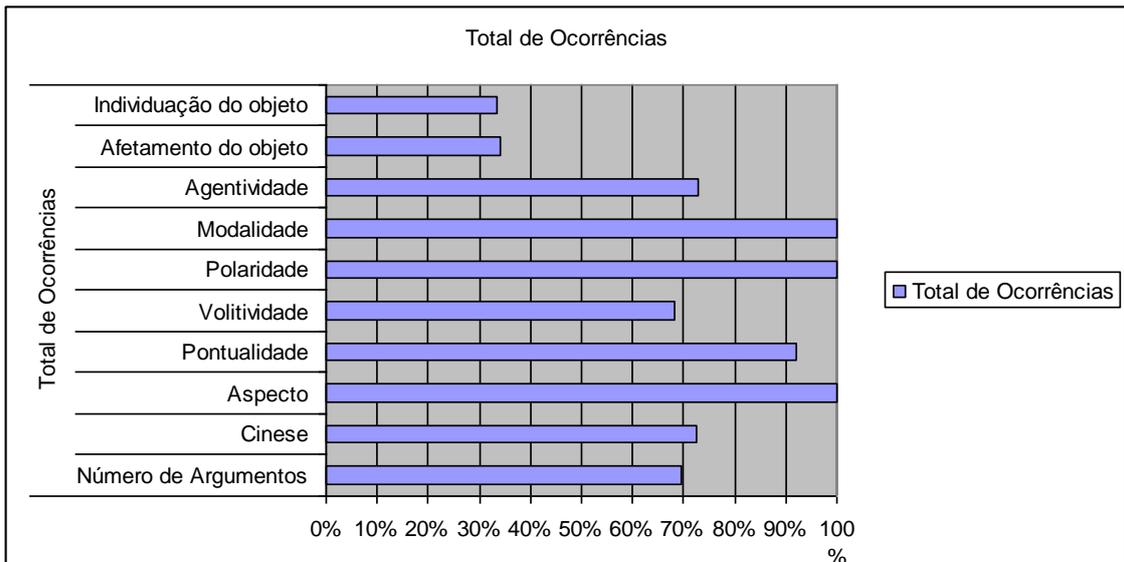


Gráfico 15: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Pretérito Perfeito Composto (%)

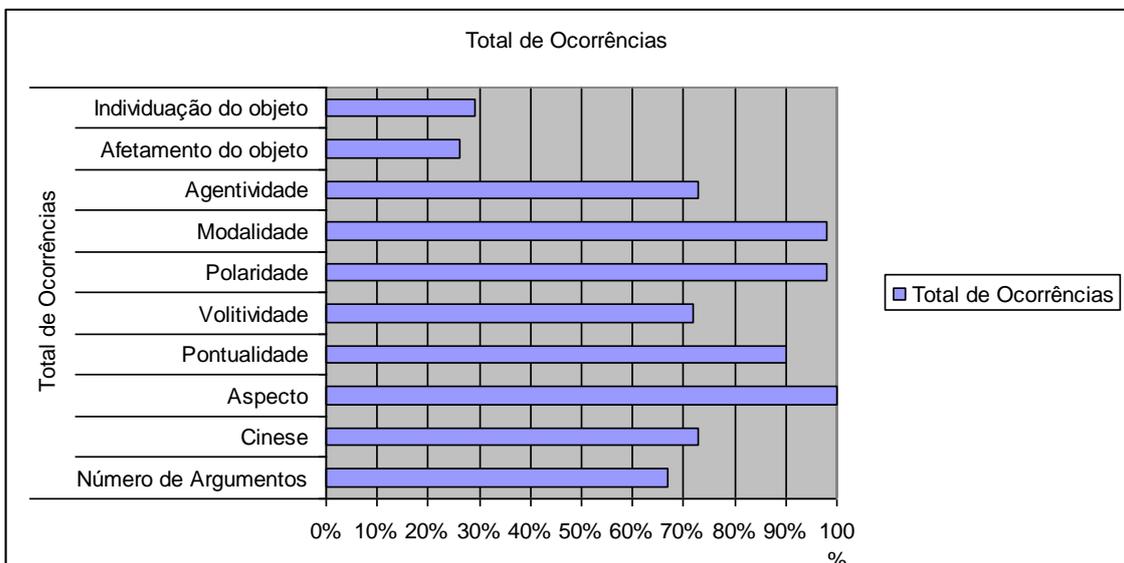
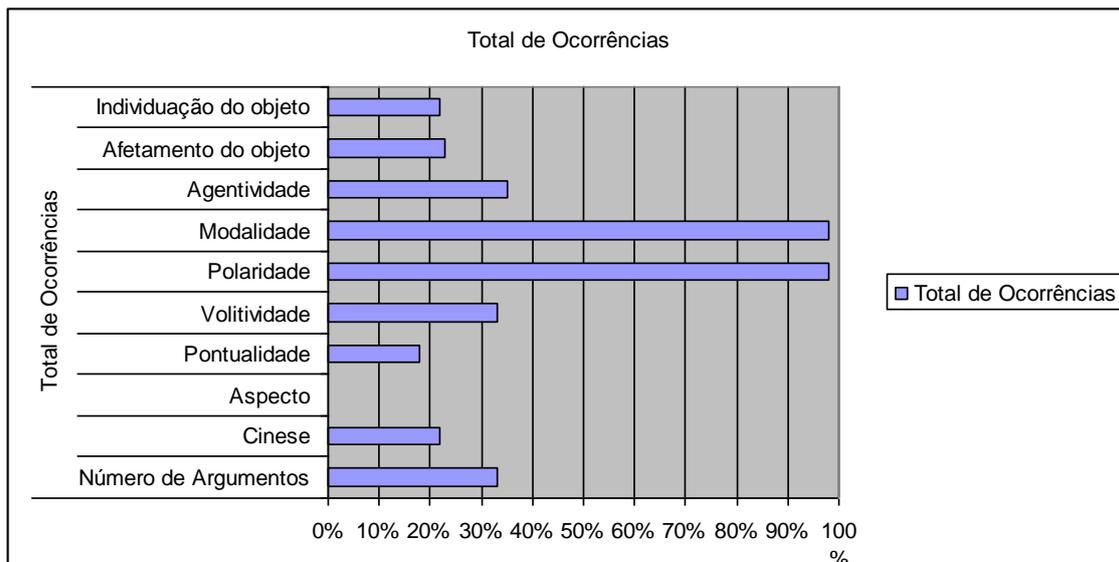


Gráfico 16: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Imperfeito (%)



A continuação, teceremos considerações sobre os gráficos, com o objetivo de identificar as diferenças entre os pretéritos analisados em relação aos parâmetros utilizados para avaliar a transitividade.

Com base nos gráficos, podemos visualizar em quais parâmetros o pretérito perfeito simples se diferencia do imperfeito. Nesse sentido, podemos afirmar que o pretérito perfeito simples apresentou percentuais maiores que o imperfeito nos seguintes parâmetros: número de argumentos, cinese, aspecto, pontualidade, volitividade e agentividade. Podemos verificar percentuais mais significativos em relação ao número de argumentos e à cinese devido ao fato de o pretérito perfeito atuar na progressão da narrativa, conforme foi explicitado no primeiro capítulo. Portanto, há a predominância de verbos dinâmicos e os alunos, por conta disso, utilizam mais argumentos e conferem um maior grau de agentividade a esses verbos. Em relação ao aspecto e à pontualidade, podemos verificar que, por ser um tempo com o traço mais télico, o pretérito perfeito simples apresenta um ponto final definido para a ação desencadeada pelo verbo. Por esta razão, apresenta, também, um alto percentual de ocorrências no parâmetro de pontualidade. No tocante à volitividade, podemos deduzir que as formas do pretérito perfeito simples são mais utilizadas, quando o falante deixa claro o propósito de sua enunciação ao seu interlocutor.

No tocante à distinção entre o pretérito imperfeito e pretérito perfeito composto, podemos afirmar que o primeiro se diferencia do segundo, por apresentar percentuais menores em relação aos seguintes parâmetros: número de argumentos, cinesia, aspecto, pontualidade, agentividade e volitividade. No que diz respeito aos dois primeiros parâmetros, há menor número de ocorrências do imperfeito, devido a ele atuar, principalmente, como pano de fundo da narrativa, temos então, o predomínio de verbos mais estáticos, utilizados na caracterização do cenário. Vale salientar, ainda, que, por conta dessa estaticidade, os alunos conferem a estas formas um percentual menor no que se refere à agentividade. No que tange ao aspecto e à pontualidade, podemos deduzir que o imperfeito obteve percentuais menores, pois, este tempo apresenta o traço menos télico, ou seja, não apresenta um ponto final determinado para a ação iniciada pelo verbo na sentença em análise. Por último, em relação à volitividade, podemos verificar um percentual menor para as formas do imperfeito, devido ao fato de as formas do pretérito perfeito composto serem mais utilizadas pelo falante, quando ele deixa clara a sua intenção ao seu interlocutor.

Com relação à diferenciação entre os pretéritos perfeitos simples e composto, verificamos que têm um comportamento muito semelhante em relação aos parâmetros de transitividade, logo, apresentam poucas diferenças percentuais em relação aos seguintes parâmetros: número de argumentos, individuação do objeto, afetamento do objeto, pontualidade e volitividade. Podemos verificar percentuais um pouco maiores por parte do pretérito perfeito simples em relação aos três primeiros parâmetros, devido ao fato de o aluno utilizar de forma recorrente este tempo correspondente em sua língua materna, no caso o Português, o que não acontece com o pretérito perfeito composto. Nesse sentido, utiliza o pretérito perfeito simples com mais argumentos e com maior frequência quando se refere ao objeto da oração. No tocante à pontualidade, podemos verificar que o aluno utiliza menos o pretérito perfeito composto por considerar que este tempo mantém relação com o momento da enunciação, conforme foi explicitado na subseção sobre aspecto (5.1.3.). O único parâmetro em que o pretérito perfeito composto superou, em termos percentuais, o pretérito perfeito simples foi com relação à volitividade, e, podemos atribuir isso ao fato de o tempo correspondente a este pretérito, em Português, ser pouco utilizado, então o aluno brasileiro, ao utilizar este tempo em Espanhol, tende a deixar claro para o seu interlocutor a sua intenção comunicativa.

Com relação ao parâmetro de volitividade, obtivemos um maior percentual de ocorrências nos dados dos pretéritos perfeito simples e composto, respectivamente, 68,5% e 72,3%. No entanto, nas formas do imperfeito, a porcentagem foi bem menor, 34,3%. A partir desse resultado, podemos deduzir que as formas dos pretéritos perfeito simples e composto são mais utilizadas pelo falante, quando este deixa claro o propósito de sua enunciação ao seu interlocutor.

Todos os dados de pretérito perfeito simples revelam modalidade *realis* e polaridade positiva. No imperfeito e no perfeito composto, obtivemos um percentual semelhante, 99% do total. Podemos atribuir este resultado, ao fato de os autores das narrativas terem optado pela utilização de formas verbais do tipo *realis*, ou seja, que denotam a idéia de certeza da realização das ações expressas pelo verbo. Vale salientar ainda, que os tempos analisados, nesta pesquisa, pertencem ao modo indicativo, o ratifica a concretização das ações denotadas pelas formas verbais analisadas. Atrelado a esses fatores, temos o predomínio do uso de sentenças de caráter afirmativo.

Nos dois últimos parâmetros (afetamento do Objeto e individuação do Objeto) obtivemos os menores percentuais de ocorrências nos três tempos analisados. Além disso, a distribuição destes fatores se dá de forma bem semelhante em todos os tempos. Em relação ao parâmetro de afetamento do objeto, nos pretéritos perfeito simples e composto, temos respectivamente um percentual de 34,5% e 27,3%. As formas do imperfeito apresentam um percentual de 22,8%. No tocante ao parâmetro de individuação do objeto, os pretéritos perfeito simples e composto apresentaram um percentual de 34,5% para o primeiro e de 29,5% para o segundo. O imperfeito, por sua vez, apresentou um percentual de 22,8%.

Com base em todos os resultados obtidos nesta análise, podemos concluir que todos os parâmetros, ora analisados apresentam um maior número de ocorrências nas formas dos pretéritos perfeito simples e composto, sendo o primeiro detentor da maior parte da configuração desses parâmetros, pois, foi bem mais utilizado nas narrativas que o segundo tempo em questão. A partir desta constatação, podemos considerar que as formas dos pretéritos perfeitos simples e composto são mais transitivas que as formas do imperfeito.

Ao final de nossa análise sobre a transitividade, podemos constatar que o estudo sobre essa questão em relação aos pretéritos é bem mais amplo do que apresentam as gramáticas em Espanhol. Elas atribuem simplesmente o valor de existência ou ausência, como se fosse um traço simples de se caracterizar. Caso o professor de Espanhol, siga esta orientação, fornecerá uma concepção de aprendizado da transitividade e dos usos dos pretéritos perfeitos e imperfeito limitada ao seu aluno, o que não ajudará ao estudante, na hora de produzir um texto. Já que, não compreenderá a “real” significação do que seria transitividade. Por outro lado, se concebermos o ensino dos pretéritos em estudo, a partir dos 10 parâmetros, poderemos levar o aluno a uma reflexão epilingüística, sobre o porquê de se trabalhar com o imperfeito, por exemplo, a partir de verbos estáticos e qual a importância do aspecto no que diz respeito à telicidade para o receptor da enunciação. Se o aluno compreender os efeitos de sentido e as funções que desempenham as formas verbais no que se refere à transitividade, ele as utilizará, em sua produção escrita, de forma consciente e isso contribuirá para a melhoria de seus textos em Espanhol e até mesmo, na sua própria língua materna.

5.2. Nível semântico-lexical: tipos de verbo

Nesta seção, faremos uma análise das formas verbais dos tempos focados em nossa pesquisa, presentes nas narrativas. A seguir, apresentamos uma tabela com o total de ocorrências para cada tipo de verbo, conforme a classificação proposta por Vendler (1967):

Tabela 01

Quantidade de dados por tipo de verbo

Tipos de verbos	Culminação		Processo Culminado		Estados		Atividades	
	Número	%	Numero	%	Numero	%	Numero	%
Qtde de verbos	142	18,5	304	40	242	31,5	76	10
total de dados analisados	764							

De acordo com a tabela acima, observamos que a grande maioria dos 764 verbos é do tipo processo culminado, 40%, ou seja, 304 verbos. A partir desse resultado, podemos inferir que a maioria dos alunos pesquisados preferiu marcar o final das ações desencadeadas pelos verbos em suas produções escritas, pois os verbos desse tipo apresentam um ponto delimitado para a finalização da ação verbal.

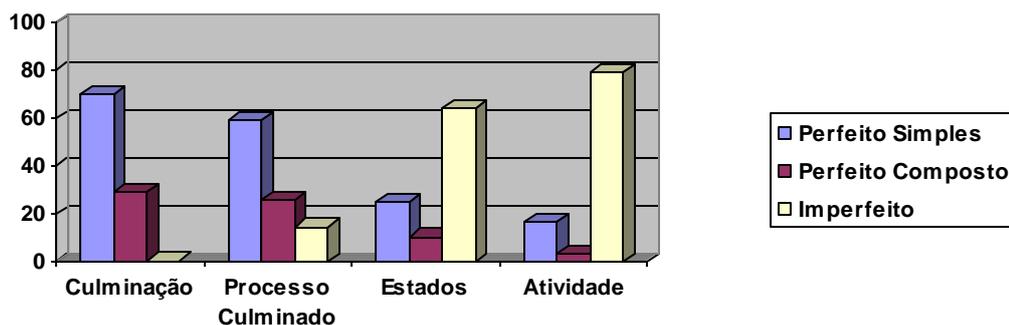
Em segundo lugar, temos os verbos de estado em 242 ocorrências, ou seja, 31, 5% do total. Verificamos a presença desse tipo de verbo, principalmente, em situações de caracterização do espaço físico, das personagens. Ademais, em situações de posse e de juízo de valor. Veremos, nesta seção, alguns exemplos que ilustram tais situações.

Os verbos de culminação apresentam 142 dados, ou seja, 18,5% do total de dados analisados. No decorrer da maioria das narrativas, não encontramos muitas ações pontuais e instantâneas.

Por último, temos 76 formas verbais indicando atividade, o que corresponde a 10% do total. Esse tipo de verbo não indica o final da ação desencadeada pelo verbo, o que nos leva a crer que os alunos preferem verbos que indiquem a finalização das ações, das narrativas.

Apresentaremos, a seguir, o gráfico que mostra a distribuição desses tipos verbais em relação às formas dos pretéritos perfeito simples e composto, além do pretérito imperfeito.

Gráfico 17: Tipos de verbos e ocorrências nos pretéritos



A análise das informações das narrativas revelou que o uso dos pretéritos perfeitos simples e composto foi mais alto com os verbos de culminação. Para o primeiro tempo verbal, tivemos 99 ocorrências, 69,7%. Já o segundo tempo verbal apresentou 42 dados, ou seja, 29, 6%. Por outro lado, o imperfeito apresentou apenas uma ocorrência para este tipo de verbo, ou seja, 0,7%. Vejamos, inicialmente, um exemplo com o pretérito perfeito simples:

Ex 23: Camila **abrió** la puerta./ Camila **abriu** a porta.

Neste exemplo, o verbo abrir denota uma ação pontual. Trata-se de um evento instantâneo, que ocorre em um momento definido e não pode ser alargado e, tampouco, dividido em fases.

O pretérito imperfeito, por sua vez, apresentou uma maior percentual com os verbos de estado, com 155 ocorrências, ou seja, 64%. Este resultado apóia a hipótese do aspecto lexical: o uso do imperfeito será mais alto que o uso dos pretéritos perfeitos com os verbos de estado, pois os pretéritos perfeitos são mais utilizados com verbos dinâmicos. Corroborando ainda essa teoria, temos nos pretéritos perfeito simples e composto, respectivamente, 61 e 26 ocorrências, o que corresponde, nessa ordem, a 25,3% e 10,7% do total de formas de cada tempo. Vejamos um exemplo para este tipo de verbo, a seguir:

Ex 24: Ella **tenía** ojos azules./ Ela **tinha** olhos azuis.

Nesse exemplo, verificamos a idéia de posse expressa pelo verbo “ter”. Além disso, designa uma situação que ocorre durante todos os pontos de um determinado período ou de um determinado número de momentos, logo, não pode ser dividida em etapas, já que uma pessoa não deixa de ter olhos azuis por um período de tempo.

Os processos culminados, que correspondem a uma ação com um ponto final de sua realização delimitado, apresentaram maior percentual com as formas dos pretéritos perfeito simples e composto com 180 ocorrências para o primeiro tempo verbal, 59,3%, e 79 ocorrências no segundo, 25,9%. Já com o imperfeito, obtivemos 45 ocorrências, o que corresponde a 14,8%. Vejamos um exemplo, deste tipo de verbo:

Ex 25: Carlos **viajó** hasta Madrid./ Carlos **viajou** até Madri.

Neste exemplo, verificamos a culminação do processo de viajar, que, por sua vez, tem seu final delimitado pela chegada de Carlos a Madri. Temos, nesta sentença, um ponto final definido que faz referência a um segmento inteiro de tempo (percurso da viagem).

Por último, temos os verbos de atividades, que não apresentam um ponto final delimitado para a ação. Este tipo de verbo se diferencia dos verbos de estado, pois denota movimento, diferentemente dos verbos de estado que são estáticos. Verificamos uma maior ocorrência de verbos de atividade em formas do pretérito imperfeito com 60 dados, 79% do total. Já os pretéritos perfeito simples e composto, apresentaram, respectivamente, 13 ocorrências, 17,1%, e 03 ocorrências, 3,9%. Vejamos, a seguir, um exemplo deste tipo de verbo:

Ex 26: María **bailó** por la noche./ Maria **dançou** à noite.

Neste exemplo, temos uma forma verbal que expressa um processo dinâmico, mas sem delimitar a sua finalização. No período de tempo (à noite), Maria realizou a ação de dançar, mas isso não quer dizer que ela dançou a noite toda. Vale salientar ainda que mesmo que a ação de dançar tenha sido interrompida por algum evento, a ação citada foi realizada e não há um ponto determinado de culminação desta.

Verificamos que os estados e as atividades apresentaram a maioria de suas ocorrências em verbos no pretérito imperfeito, indicando a predominância, nas narrativas analisadas, do aspecto imperfectivo, ou seja, de formas atélicas, com esses dois tipos de verbos.

Os processos culminados e as culminações, por sua vez, apresentaram-se de forma significativa em formas dos pretéritos perfeito simples e composto. Há, neste caso, o predomínio do Aspecto perfectivo, ou seja, de formas télicas, nesses dois tipos de verbos.

Esses resultados apóiam a Hipótese do Aspecto Lexical de Andersen (1986), a qual afirma que os pretéritos perfeitos simples e composto aparecem primeiro com os verbos que expressam culminação e processo culminado, seguidos por atividades e estados. Em contrapartida, o pretérito imperfeito surge primeiramente com os verbos de estado, depois com as atividades para posteriormente se estender para os processos culminados e para as culminações.

Com base no que foi exposto, podemos caracterizar cada tipo de verbo, no tocante aos valores aspectuais, da seguinte forma:

- a) estados: apresentam uma duração indefinida, são atélicos e estáticos;
- b) atividades: são dinâmicas, atélicas e durativas;
- c) processos culminados: são dinâmicos, télicos e durativos;
- d) culminações: denotam eventos instantâneos, télicos e dinâmicos.

No ensino dos pretéritos perfeitos e imperfeito em Espanhol, julgamos pertinente o ensino dessas diferenças de cunho semântico. Isto ajudaria o aluno na problemática diferenciação dos usos dos pretéritos, em estudo, pois o estudante teria mais critérios para caracterizar cada tempo no tocante aos usos lingüísticos. Vale salientar ainda, que, no ensino destes tempos os livros didáticos e os professores limitam-se à diferenciação entre os pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito do indicativo, com base no critério de completude e incompletude da ação, deixando de considerar os outros critérios, tais como: dinamicidade, duratividade e delimitação no

eixo temporal. Por conta disso, é difícil para o aluno a utilização desses tempos, conforme afirmam Alegre (2007) e Masip (2007). Por último, podemos sugerir que há uma conexão entre a aprendizagem da morfologia Tempo e Aspecto e a aprendizagem da distinção semântica dos tipos de verbos que está associada aos pretéritos perfeito (simple e composto) e imperfeito.

5.3. Nível textual-discursivo: figura e fundo

Nesta seção, analisaremos a relação entre os planos de figura e fundo presentes no gênero narrativo e as formas dos pretéritos perfeito e imperfeito. Os conceitos de *figura* e *fundo* vêm da Gestalt, na Psicologia, no tocante à organização das idéias (hierarquia), em um discurso, pelo falante. A partir desses pressupostos Hopper e Thompson (1980) diferenciam figura e fundo no plano discursivo, classificando o que seriam as idéias principais e as secundárias.

Estes conceitos tentam dar conta de uma questão pragmático-discursiva elementar, a saber: o usuário, em uma dada situação comunicativa, sempre apresenta uma percepção das necessidades do seu interlocutor, e qual seja esta situação de interação verbal, sempre há, de tudo o que se diz, coisas mais relevantes que outras. Vejamos o exemplo a seguir:

Ex 27: En un cierto día del mes de junio, **estaba** en el trabajo cuando de pronto **llegó** una mujer... / Num certo dia do mês de junho, estava no trabalho, quando de repente chegou uma mulher....

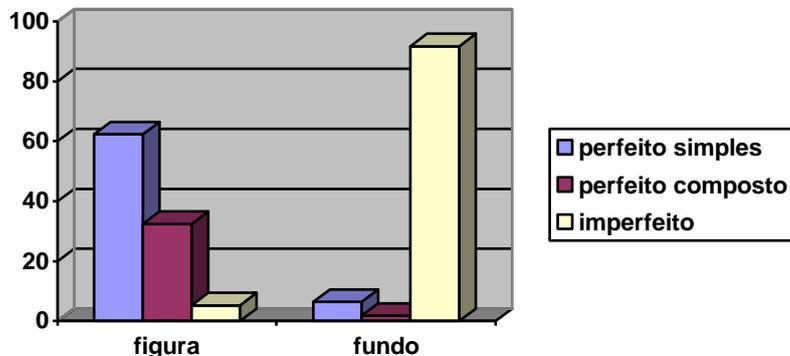
A partir do exemplo acima, faremos a identificação, com base nas formas verbais, dos planos: figura e fundo. O primeiro diz respeito à informação principal (*figura*). Ademais, é responsável pelo desenvolvimento temporal do relato mediante a apresentação seqüencial dos fatos que o constituem, equivale ao esqueleto da ação. O segundo corresponde ao fundo, apóia o anterior, aportando o contexto espacial e descrições da narrativa. Em nosso exemplo, a forma verbal perfectiva (chegou) indica a progressão da narrativa, logo, atua como figura. Em contrapartida, a forma imperfectiva

(estava) aporta para a localização do cenário do fato narrado, portanto, configura-se como *fundo* da narrativa.

Com base na análise do exemplo anterior, verificamos como as formas verbais se configuram como um recurso valioso para o usuário da língua, no momento em que organiza a mensagem para o seu interlocutor, dentro da divisão de *figura* e *fundo* nas diversas situações de cunho comunicativo.

Vejam, no gráfico a seguir, como se deu a distribuição das formas verbais dos pretéritos perfeito e imperfeito, nas narrativas que compõem o corpus de nossa pesquisa.

Gráfico 18: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito no Plano Textual- Discursivo: Figura/Fundo (%)



Das 764 formas analisadas, encontramos o maior índice percentual de formas do pretérito perfeito simples atuando como *figura* na narrativa, 340 formas, ou seja, 62,3% do total de 546 formas verbais classificadas como informação essencial, e, portanto, responsáveis pela seqüência dos fatos narrados. O pretérito perfeito composto apareceu 177 vezes, o que corresponde a 32,4% desse total. Já com o imperfeito, verificamos um pequeno percentual, 29 ocorrências, 5,3% das 546 formas.

No que tange aos percentuais de formas classificadas como *fundo*, verificamos a maior ocorrência deste com dados do pretérito imperfeito: 200 formas, ou seja, 91,7% do total das 218 formas verbais que atuaram como *fundo* das narrativas analisadas. Por outro lado, com os pretéritos perfeito simples e composto obtivemos poucas ocorrências. O primeiro apresentou 14 ocorrências, 6,4%. Já com o segundo tivemos apenas 04 formas, o que equivale a 1,9% do total.

Os resultados confirmam o que afirmam os autores, no capítulo 1, a respeito do gênero narrativo, geralmente, atribuem às formas do pretérito perfeito simples e composto (aspecto perfectivo) um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas. Por outro lado, as formas do pretérito imperfeito (aspecto imperfectivo), segundo eles, são utilizadas, principalmente, para descrever, comentar e apontar detalhes, ou seja, para fornecer elementos que dão sustentação à narrativa.

Vejamos a ilustração dessas considerações a partir do exemplo a seguir:

Ex 28: Mi amiga ya **estaba** sentada, pero yo **salí** para hablar con el conductor, pues cuando **llegué** a mi asiento estaba una señora y **habló** que **era** su sitio./ Minha amiga já estava sentada, mas eu saí para falar com o motorista, e quando cheguei ao meu assento estava uma senhora e falou que era o seu lugar.

Neste exemplo, verificamos que as formas perfectivas “saí”, “cheguei” e “falou” contribuem para a progressão cronológica dos eventos da narrativa. Portanto, atuam como *figura* no plano narrativo. Em contrapartida, as formas imperfectivas “estava” e “era” indicam detalhes da narrativa que dão suporte aos fatos narrados, caracterizam o cenário deste trecho da narrativa. Dessa forma, contribuem para o entendimento do leitor.

Vale salientar, ainda, que formas imperfectivas podem indicar progressão na narrativa e que formas perfectivas podem figurar em circunstâncias secundárias, e, portanto, como pano de fundo. Vejamos a ocorrência deste fato no exemplo a seguir:

Ex 29: ... **trabajaba** el dia todo y **estudiaba** por la noche. / ... trabalhava o dia todo e estudava de noite.

Neste exemplo, podemos verificar que as formas destacadas são formas imperfectivas, mas contribuem para a seqüência de fatos cronológicos da narrativa. Neste caso, estas indicam fatos habituais da rotina da personagem em foco. Podemos deduzir, então, que, como já foi dito, as formas imperfectivas podem atuar como *figura*. Isso vai depender da perspectiva que o usuário da língua queira utilizar, ao narrar eventos ao seu interlocutor.

No tocante ao Aspecto do evento, ou seja, à mudança de uma situação para outra, conforme Fuchs (1988), utiliza-se, geralmente, as formas perfectivas, pois estas se adéquam melhor à codificação dos eventos que constituem a respectiva mudança. Em uma narrativa, são as formas perfectivas que exprimem fatos temáticos e que, por sua vez, compõem o núcleo da narração, seja com as formas do perfeito composto que remetem a fatos no passado que mantêm, da algo modo, relação com o presente, seja com as formas do perfeito simples que fazem referência a fatos passados que não estão relacionados ao momento da enunciação. Já com as formas do imperfeito, temos uma perspectiva situacional, no sentido de localizar e ambientar a narrativa. Vejamos a ilustração desta questão no exemplo a seguir:

Ex 30: Entonces, **salí** del trabajo y **fui** hasta mi casa, ya que aquella situación **estaba** muy difícil. / Então, saí do trabalho e fui até a minha casa, já que aquela situação estava muito difícil.

Neste exemplo, podemos observar a mudança de situação na narrativa a partir do conectivo “então”, verificamos uma mudança de atitude por parte da personagem este direcionamento tomado é enunciado por meio de formas perfectivas. Vale salientar ainda, que o personagem queria resolver uma situação se prolongava, esta denotada por formas imperfectivas.

A partir do que foi exposto, podemos afirmar, com base nos resultados obtidos, que as formas perfectivas (aspecto perfectivo) são responsáveis pela progressão das ações da narrativa. Desse modo, elas compõem o núcleo da narrativa, ou seja, atuam

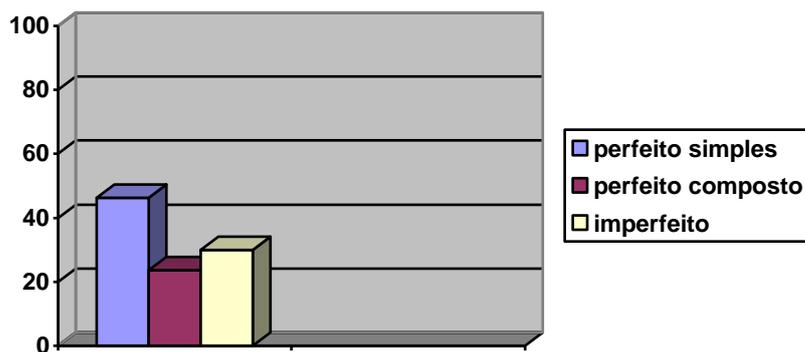
como figura. Por outro lado, as formas do imperfeito (aspecto imperfectivo) desempenham, na narrativa, as funções de descrever, comentar, informar detalhes, observar ações, ou seja, dão o suporte necessário para as ações principais da narração, logo, atuam como fundo. Nesse sentido, temos uma organização das idéias a partir de uma hierarquia construída com base na distinção discursiva entre informação principal e secundária. Vale destacar ainda, que é fundamental o aluno ter esse conhecimento, para a produção textual, já que uma das premissas necessárias para que se produza um bom texto é saber organizá-lo de forma coesa e coerente. Nesse sentido, um estudo sobre os pretéritos, sob esta perspectiva discursiva, ajudaria o aluno a sequenciar de forma adequada o conteúdo do seu discurso oral e/ou escrito. Além disso, ele poderia refletir sobre os efeitos de sentidos e sobre as funções das formas perfectivas e imperfectivas presentes nos textos narrativos.

5.4. Distribuição dos pretéritos perfeito (simple e composto) e imperfeito e inadequações em relação aos seus usos lingüísticos nas narrativas

Nesta seção, faremos algumas considerações em relação ao uso dos pretéritos perfeito e imperfeito, no tocante às dificuldades apresentadas nas narrativas, tais como, equívocos ao utilizar um tempo verbal em lugar de outro.

A distribuição das formas verbal, nas narrativas analisadas, em relação aos tempos enfocados em nossa pesquisa, se deu de forma diversificada. Na continuação, ilustramos tais ocorrências a partir do gráfico 19:

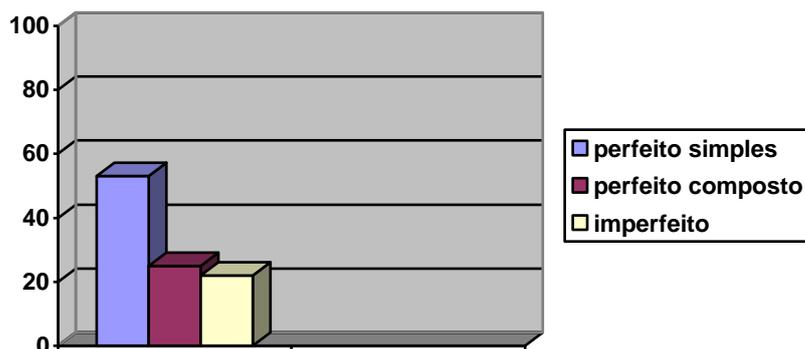
Gráfico 19: Ocorrência de Perfeito e Imperfeito nas narrativas (%)



Das 764 formas analisadas, obtivemos 354 formas do pretérito perfeito simples, ou seja, 46,3%. O perfeito composto, por sua vez, apareceu 181 vezes, o que equivale a 23,7%. Já de imperfeito, encontramos 229 dados, 30% do total. A partir deste resultado, podemos observar a predominância de formas do perfeito simples que, por sua vez, expressa um tempo passado que não mantém relação com o presente. Em contrapartida, encontramos um menor percentual de formas do pretérito perfeito composto. Podemos atribuir esse resultado ao fato de este tempo ser pouco utilizado na língua materna dos alunos, no caso falantes nativos de Português. Esse tempo, em Espanhol, conforme os teóricos, expressa fatos no passado que mantêm relação, de algum modo, com o momento de enunciação do usuário da língua.

No que tange à questão das dificuldades em relação ao uso dos pretéritos, ilustramos os equívocos cometidos pelos alunos ao utilizar um tempo verbal em lugar de outro. Vejamos, no gráfico, a ilustração desses resultados em relação aos pretéritos.

Gráfico 20: Ocorrência de equívocos em relação às formas do Perfeito e Imperfeito (%)



Do total de 16 formas utilizadas de forma inadequada, de acordo com a gramática normativa, pelos alunos participantes de nossa pesquisa, obtivemos um maior percentual com as formas do pretérito perfeito simples com 9 formas, ou seja, 53% do total. Em segundo lugar, temos as formas do pretérito perfeito composto com 4 ocorrências, o que equivale a 25% do total de formas. Já com o imperfeito, encontramos 3 formas, 22% do total.

Os dados obtidos em relação aos pretéritos perfeito simples e composto, confirmam o que diz a literatura em relação à aprendizagem de Espanhol por alunos brasileiros. De acordo com Briones (2001), é difícil para o aluno brasileiro delimitar com total precisão o uso do pretérito perfeito simples e composto

Por outro lado, de acordo com o teste realizado com os professores de Espanhol, os equívocos gerados na eleição de um tempo verbal ao invés de outro, comprometeria o entendimento da mensagem por parte do receptor, em um contexto de interação verbal, em apenas 5 ocorrências. Dos 16 equívocos, selecionamos 3, para analisar, que seguem a continuação.

Ex 31: En aquél momento, él me **miró** y le **he dicho** la verdad./ Naquele momento, ele me olhou e eu lhe disse a verdade.

Neste exemplo, o aluno deveria ter utilizado o pretérito perfeito simples para a segunda forma, já que o marcador temporal é “naquele tempo” a utilização do primeiro tempo no perfeito simples deixa claro, para o interlocutor, que o usuário se refere a fatos no passado que não mantêm relação com o momento da enunciação.

Com relação ao uso dos pretéritos perfeito e imperfeito, segundo a grande maioria dos teóricos, a principal diferença reside no fato de o pretérito imperfeito indicar uma ação no passado, porém, sem informar a sua finalização, por outro lado, os pretéritos perfeitos apresentam uma ação passada cujo desfecho é conhecido pelo interlocutor da mensagem. A ocorrência de equívocos, por parte dos alunos ao utilizar as formas do pretérito perfeito em lugar do imperfeito e vice-versa, corrobora o que afirma Masip (1999). Segundo ele, é uma dificuldade para o aluno a utilização desses tempos. Vale salientar ainda que, de acordo com Alegre (2007), até mesmo os docentes, sendo nativos ou não, apresentam uma notável dificuldade na diferenciação desses tempos, no tocante aos seus usos. Vejamos um exemplo, a seguir, de um equívoco encontrado, nas narrativas analisadas em nossa pesquisa:

Ex 32: Todos los días **fui** a la univverdidad. / Todos os dias fui à universidade.

Nesse exemplo, em vez de o verbo **ir** ser utilizado no pretérito imperfeito, é utilizado no pretérito perfeito simples. Neste caso, o aluno, de acordo com a gramática normativa, deveria ter utilizado a forma imperfectiva “iba/ ia”, pois há a narração de um fato habitual e esse contexto pede uma forma imperfectiva. Além disso, temos o valor aspectual reiterativo, ou seja, o marcador “todos os dias” aporta para a epetição da ação, já que esta ocorre de forma contínua.

No entanto, de acordo com teste, sobre as inadequações encontradas nas narrativas dos alunos, realizado com 10 professores de Espanhol, este equívoco não compromete o sentido da mensagem no discurso.

A escolha do pretérito perfeito simples, neste caso, faz alusão a um distanciamento do falante sobre o fato relatado. Nesse sentido, a intenção do falante em relação ao seu interlocutor, dentro de um contexto comunicativo, não é a de expressar a reiteração da ação de “ir”, o que denotaria com o uso do pretérito imperfeito, e sim de

apontar a pouca importância que dá, em seu discurso, para tal fato. O que podemos inferir, a partir da eleição do pretérito perfeito simples, nesse contexto de interação, é um considerável distanciamento por parte do falante com relação ao fato da enunciação.

Por outro lado, sabemos que a norma impõe a eleição de um tempo ou outro em certos contextos sintático-semânticos, sem possibilidade de escolha. Nesse sentido, não há dúvida de que, nos mais diversos contextos de interação verbal, os critérios sintático-semânticos parecem impor uma única possibilidade de uso que foi sancionada pela norma. Porém, o complexo plano discursivo pode justificar uma escolha pouco habitual, dependendo do contexto comunicativo.

Vejamos, agora, um exemplo de uma situação oposta, ou seja, a utilização de uma forma imperfectiva em lugar de uma forma perfectiva:

Ex 33: Un tiempo después, **salíamos** del hospital y vimos a mi hermano. Um tempo depois, saíamos do hospital e vimos meu irmão.

Nesse exemplo, há a utilização de uma forma imperfectiva, quando o contexto pede uma forma perfectiva. O marcador “um tempo depois” e a outra forma verbal no perfeito simples requerem o mesmo tempo verbal, logo, o interlocutor da mensagem deduz que se trata de um fato passado e que houve a culminação deste, portanto, o mais adequado seria utilizar a forma do pretérito perfeito simples “salimos / saímos”.

De acordo com o teste realizado com os professores de Espanhol, este equívoco compromete a mensagem. A intenção do falante em seu discurso é a de expressar a simultaneidade de duas ações, ambas realizadas no passado. Nesse sentido, há um equívoco no que tange ao propósito comunicativo do falante ao seu interlocutor, pois há uma inadequação das ações no eixo temporal, o que prejudica o entendimento, já que pelo enunciado o receptor não vai atribuir o caráter simultâneo para as duas ações, embora possa atribuir-lhes caráter cotemporal.

Os alunos do presente estudo apresentaram poucos equívocos, se levarmos em consideração a quantidade de dados analisados: 764 formas verbais. Em relação às

dificuldades enfrentadas pelos alunos, no que diz respeito aos usos dos pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol, podemos afirmar que os alunos, envolvidos nesta pesquisa, apresentam conhecimento no que diz respeito à distinção discursiva entre figura e fundo, e que sabem marcá-la, bem como organizar o conteúdo de forma hierárquica, com maior e menor grau de transitividade, no momento de produzir uma narrativa. Além disso, no tocante ao nível semântico-lexical, verificamos que os alunos não se limitam, como a maioria dos livros didáticos de Espanhol, ao critério de completude e incompletude da ação verbal em relação à distinção aspectual. Por outro lado, levam em consideração traços aspectuais, que os ajudam a diferenciar os usos dos pretéritos: dinamicidade, duratividade, delimitação da ação no eixo temporal. As principais inadequações ocorreram, principalmente, com verbos que apresentaram alta transitividade e que são classificados como de culminação e de atividade, logo, ressaltamos a influência do aspecto lexical na diferenciação entre os pretéritos perfeito (simple e composto) e imperfeito.

A maioria das inadequações se deu pela utilização do pretérito perfeito simple no lugar do pretérito perfeito composto, seguida pelo uso do pretérito perfeito simple ou composto ao invés do pretérito imperfeito. Em alguns contextos que exigiam as formas do pretérito perfeito simple, houve a substituição pelo perfeito composto e pelo imperfeito.

No tocante ao tipo de narrativa sugerida para a produção, pudemos constatar que os alunos obtiveram maior exatidão, no que tange à utilização dos pretéritos perfeitos (simple e composto) e imperfeito, nas narrativas em que tiveram a oportunidade de expressar livremente as suas experiências, como foi o caso da proposta 3. Em contrapartida, apresentaram mais inadequações na narrativa fictícia da proposta 2. Podemos sugerir que para o aluno, neste estudo, foi mais natural a utilização dos pretéritos em contextos elaborados a partir de suas experiências pessoais. Por outra parte, foi mais difícil o emprego desses tempos em contextos criados a partir de uma proposta delimitada que ele teria que contemplar em sua produção escrita.

Por último, queremos fazer algumas considerações sobre o ensino de temas gramaticais em aulas de Língua Espanhola, como os pretéritos perfeito e imperfeito. Os professores necessitam considerar que a língua não somente se explica e se entende em

termos de gramática, como, por exemplo, preconizavam as propostas baseadas nos métodos de ensino tradicional, Audio-oral ou Direto. Apesar de o sistema escolar, segundo Antunes (2007), insistir, ainda, hoje em dia, de forma excessiva no uso e abuso de terminologia lingüística para explicar a realidade da língua, especialmente no que diz respeito a sua gramática, não parece que os aprendizes assimilem realmente o tema. Ademais, estes chegam facilmente a assumir, assim como muitos professores, que há uma equiparação e inclusive identidade entre gramática e língua. No entanto, essa visão da língua é muito redutora e levou numerosos lingüistas e filólogos a criticá-la.

O que defendemos é que haja um equilíbrio nas apresentações dos temas gramaticais, estes não devem ser o único foco do ensino, nem ocorrer de forma isolada, servindo-se unicamente de exemplos fixos, que resultam improdutivos para uma aprendizagem efetiva, na qual o aluno se sinta seguro na hora de se comunicar em uma situação real. Nesse sentido, muito se tem insistido no emprego do método comunicativo para o ensino de uma língua estrangeira. Esse método, segundo Santos Gargallo (1999), apresenta (em sua forma clássica) uma seqüência que se pode desenvolver nas aulas de Língua Estrangeira (apresentação de conteúdos, prática e produção livre). No momento de apresentação dos conteúdos, no entanto, não há por que renunciar a compreensão de regras explícitas em um maior ou menor grau de abstração e, mediante uma metalinguagem adequada ao nível dos estudantes, oferecer alguns exemplos, circunscritos ou não ao nível oracional, e, em uma terceira etapa, propor uma série de contextos lingüísticos nos quais, de forma imediata, se avalie o grau de compreensão e de internalização das formas de uso da regra.

A preocupação está em que se consolidem duas etapas distintas, mas indissociáveis, no processo de aquisição da Língua Estrangeira: a interiorização de suas regras e a posterior automatização das mesmas. Neste sentido, duas questões são importantes: a) se pensamos que a proposta de apresentação formal de uma regra pode ser aproveitável no ensino de uma Língua Estrangeira, em que momento será oportuno introduzi-la? b) Com relação à metalinguagem, ressaltamos a relevância de explicação pragmático-discursiva para a compreensão do funcionamento das estruturas lingüísticas.

6. Considerações Finais

Nossa pesquisa buscou investigar como os futuros professores utilizam os pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol em narrativas escritas. Para a análise, enfocamos o Aspecto Verbal e os matizes que caracterizam esta categoria verbal, abordada de forma superficial no processo de ensino-aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira.

Nosso *corpus* de análise foi formado a partir de 42 produções escritas, das quais obtivemos um total de 764 dados, sendo que 354 destes são de formas do pretérito perfeito simples, 46,3% do total. Além disso, foram encontradas 181 formas do pretérito perfeito composto, 23,7% do total. Já as formas do pretérito imperfeito encontradas somam-se 229, o que equivale a 30% do total.

Para a devida análise do corpus, fez-se necessário revisar, no primeiro capítulo, aspectos inerentes ao ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira. No segundo capítulo, tratamos dos estudos do Funcionalismo Lingüístico, no tocante às principais vertentes e aos princípios. Apresentamos, também, no capítulo 3, o aporte teórico sobre as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modalidade.

A análise do corpus foi realizada a partir de aspectos funcionais caracterizadores do Aspecto, no que tange à distinção entre os pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol, distribuídos nos seguintes planos de estudo:

- a) sintático-semântico: parâmetros de transitividade;
- b) semântico-lexical: tipos de verbos;
- c) textual-discursivo: relação figura e fundo.

Em relação aos parâmetros de transitividade, a ocorrência de dois ou mais argumentos foi encontrada em mais de 59% do total de formas analisadas. A diferença entre os pretéritos perfeito simples e composto foi mínima, em termos percentuais do total de formas para cada tempo, o primeiro apresentou 246 ocorrências e o segundo 122. No que tange à questão da cinese, os pretéritos perfeitos simples e composto apresentaram um maior índice de ocorrências, havendo a predominância de verbos dinâmicos. Verificamos que o imperfeito atuou, principalmente, como pano de fundo da narrativa, com o predomínio de verbos mais estáticos. No tocante ao parâmetro do aspecto perfectivo, as formas do pretérito perfeito simples e composto apresentam 100% de ocorrências, ou seja, alta transitividade. Em contrapartida, as formas do imperfeito não apresentaram nenhuma ocorrência para o aspecto télico, havendo uma baixa percentagem, também, para o parâmetro de pontualidade, pois, este tempo apresenta o traço (-) télico. Com relação ao parâmetro de volitividade, obtivemos um maior percentual de ocorrências nos dados dos pretéritos perfeito simples e composto. Em relação à polaridade, obtivemos um alto percentual de sentenças afirmativas para todas as formas analisadas. Em relação à modalidade do tipo *realis*, obtivemos, também, um alto percentual para todas as formas dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito. No que diz respeito ao caráter agentivo do sujeito sobre o objeto, este parâmetro ocorreu com mais frequência nas formas dos pretéritos perfeitos (simples e composto). Nos dois últimos parâmetros (afetamento do Objeto e individuação do Objeto), obtivemos os menores percentuais de ocorrências nos três tempos analisados. Além disso, a distribuição destes fatores se deu de forma semelhante em todos os tempos. No primeiro parâmetro, com os pretéritos perfeitos simples e composto, obtivemos, respectivamente, um percentual de 34,5% e 27,3%. O imperfeito apresentou um percentual de 22,8%. Com relação ao parâmetro de individuação do objeto, os pretéritos perfeitos simples e composto apresentaram um percentual de 34,5% para o primeiro e de 29,5% para o segundo. O imperfeito, por sua vez, apresentou um percentual de 22,8%.

No que diz respeito ao plano semântico-lexical, verificamos que verbos no pretérito imperfeito codificam, mais frequentemente, estados e atividades. Os processos culminados e as culminações, por sua vez, apresentaram-se de forma significativa em formas dos pretéritos perfeito simples e composto.

No tocante ao plano textual-discursivo, podemos afirmar, com base nos resultados obtidos e no que afirmam, em geral, os teóricos, que as formas perfectivas (aspecto perfectivo) são responsáveis pela progressão das ações da narrativa. Por outro lado, as formas do imperfeito (aspecto imperfectivo) desempenham, na narrativa, as funções de descrever, comentar, informar detalhes, observar ações, ou seja, dão o suporte necessário para as ações principais da narração.

No que tange às dificuldades enfrentadas pelos alunos, no uso dos pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol, podemos afirmar que os alunos, do presente estudo, em seu estágio atual de interlíngua, adquiriram conhecimento dos principais usos dos pretéritos analisados no que diz respeito: a) à distinção discursiva entre informação principal e secundária; b) ao grau de transitividade (o perfeito é perfectivo, volitivo, agentivo, cinético e pontual; o imperfeito é imperfectivo, menos volitivo, estático, menos cinético e contínuo). Vale destacar, ainda, que os alunos não se limitam à questão da completude e incompletude da ação verbal em relação à distinção aspectual, o que pudemos inferir, com base nas análises empreendidas, que levam em consideração traços aspectuais, tais como: dinamicidade, duratividade e delimitação no eixo temporal. As principais inadequações ocorreram, principalmente, com verbos que apresentaram alta transitividade e que são classificados como de culminação e de atividade, logo, ressaltamos a influência do aspecto lexical na diferenciação entre os pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito. Além disso, verificamos que a maioria das inadequações se deu pela utilização do pretérito perfeito simples no lugar do pretérito perfeito composto, seguida pelo uso do pretérito perfeito simples ao invés do pretérito imperfeito. Destacamos ainda, que, nos contextos em que eram exigidas as formas do pretérito perfeito simples houve, em alguns casos, a substituição pelo perfeito composto (4 dados) e pelo imperfeito (3 dados). Se levarmos em consideração a quantidade de dados analisados, houve poucos equívocos de uso dos três pretéritos sob análise.

A partir dessas informações, podemos constatar que, em relação à produção textual, os alunos obtiveram maior êxito no que tange à utilização dos pretéritos perfeitos (simples e composto) e imperfeito nas narrativas em que tiveram a oportunidade de expressar livremente as suas experiências, como foi o caso da proposta 3. Em contrapartida, apresentaram mais inadequações na narrativa fictícia da proposta 2. Podemos sugerir que, para o aluno, neste estudo, foi mais natural a utilização dos

pretéritos em contextos elaborados a partir de suas experiências pessoais. Por outra parte, foi mais difícil o emprego desses tempos em contextos fictícios, criados a partir de uma proposta delimitada. Faltam, no entanto, pesquisas em relação à produção escrita em Espanhol como Língua Estrangeira que analisem as diferenças entre o emprego dos pretéritos, em narrativas pessoais e de ficção.

Julgamos que seria importante, em futuras pesquisas, ampliar o presente estudo, incluindo mais participantes e acrescentando narrativas orais para compará-las com as escritas. Além disso, outros fatores, que não foram incluídos aqui, podem gerar importantes desdobramentos em estudos de natureza funcionalista, tais como os valores de significação das formas perifrásticas aspectuais em Espanhol. Por fim, não resta dúvida de que a análise dos usos lingüísticos dos pretéritos perfeito e imperfeito pode dar margem a importantes e intrigantes questões de pesquisa e pode contribuir para o ensino de produção textual em Espanhol.

7. Referências bibliográficas

ALEGRE, Blanca Palacio. **El tratamiento de los tiempos del pasado en E/LE (pretérito perfecto, indefinido e imperfecto) tomando como referencia el manual aula interncional**. 74 p. Memoria de la Universidad Nebrija, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 2007.

ALONSO, María Cibele González Pellizzari. La importancia de la escrita en la enseñanza del E/LE. In: **Anuario brasileño de estudios hispánicos**. São Paulo: Embajada de España en Brasil – Consejería de Educación, 2003.p. 121-142.

ANDERSEN, R. El desarrollo de la morfología verbal en español como segundo idioma. In: **Adquisición del lenguaje**, ed. J. Meisel, 115-38. Frankfurt: Klaus-Dieter Vervuert Verlag.. 1986. p. 115-38

_____. ‘Developmental Sequences: The Emergence of Aspect Marking in Second Language Acquisition’. In: **Crosscurrents in Second Language Acquisition and Linguistics Theories**. Ed. Thomas Huebner and Charles Ferguson. Amsterdam: John Benjamins. 1991. p. 305-24.

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: **Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAGÓN, Matilde Cerrolaza. GILI, Óscar Cerrolaza. **Pasaporte**. V.2. Madrid: Edelsa, 2008.

BARALO, Marta. **La adquisición del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco/Libros, 1999.

BARDOVI-Harlig; KATHLEEN & Reynolds, DUDLEY W. **The Role of Lexical Aspect in the Acquisition of Tense and Aspect**. TESOL Quarterly, 29.1: 1995. p. 107-131.

BARROS, Adil de J.P. de; LEHFELD, Neide A. de S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

BOÉSIO, Cristina Pureza Duarte. **A transferência indevida do infinitivo flexionado no ensino de espanhol para brasileiros**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras)- Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2005.

BRIONES, Ana Isabel. **Dificultades de la Lengua Portuguesa para hispanohablantes de nivel avanzado: estudio contrastivo**. Madrid: Ariel, 2001.

CANALE, M. & SWAIN, M. **Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. In: *Applied Linguistics*, 1(1), 1980.

CASSANY, Daniel. **Expresión escrita en L2/ELE**. Madrid: Arco/Libros, 2005.

CASTAÑEDA CASTRO, A. **Aspecto, perspectiva y tiempo de procesamiento en la oposición imperfecto/indefinido en español. Ventajas explicativas y aplicaciones pedagógicas**. Alicante: Eds. J.L. Cifuentes Honrubia y C. Marimón Llorca, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, 1968.

CASTRO, Lucía Tobón. **Algunas consideraciones sobre el aspecto verbal en Español**. Madrid: Thesaurus, 1974

COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. Tese (Doutorado em Lingüística)- Curso de Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COMAJOAN, Llorenç & Pérez Saldanya, Manuel Grammaticalization and Language Acquisition: Interaction of Lexical Aspect and Discourse. In: **Selected Proceedings of the 6th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages**, ed. David Eddington, . 2005. p. 44-55.

COMRIE, Bernard. **Tense** (4 ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CORDER, S. P. La importancia de los errores del que aprende una segunda lengua. In: LICERAS, J.M. **La adquisición de las lenguas extranjeras**. Madrid: Visor, 1992.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em Português**. São Paulo: Contexto, 1990.

COSCARELLI, C.V. Da leitura de hipertexto: um diálogo com Rouet et alli. In: ARAÚJO. J.C.; BIASI-RODRIGUES.B. (orgs). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 109-123.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs). **Linguística Funcional: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

CUNHA, Maria Angélica Furtado. Funcionalismo. In: **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 159-241.

DUARTE, Cristina Aparecida. **Diferencias de usos gramaticales entre Español / Português**. Madrid: Editorial Edinumen, 2005.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. El español en Brasil. In: **O ensino de espanhol no Brasil**. São Paulo: parábola, 2005.p.14-34.

GARCÍA, A . **Profesor en acción**. V.3. Madrid: Edelsa, 1996

GIVÓN, Talmy. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1993.

_____. **Isomorphism in the grammatical code:** cognitive and biological considerations. *Studies in language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, p. 106, 1991b.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, p. 30, 1984.

GODÓI, E. **Aspecto do aspecto**. 1992. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

GONZÁLEZ, Neide. Prólogo. In: **Gramática contrastiva del español para brasileños**. Madrid: SGEL, 2007.

HARLEY, Birgit & Swain, Cerril. **An análisis of the verb system used by young learners of French**. *Interlanguage studies bulletin*, 1978. p. 35-79

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. ***The Communicative Approach to Language Teaching***. Oxford: Oxford University Press, 1979.

HOPPER, P. y S. THOMPSON. **Transitivity in Grammar and Discourse**. *Language*, vol. 56, n° 2: pp. 251-299, 1980.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português:** expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Notas sobre o passado composto em português. **Revista Letras**, Curitiba, v. 55, 2001. (p.129-152).

JOVANOVIĆ, A. **Ensino de línguas e o papel da gramática**. Revista da Faculdade de Educação, 12 (1/2), São Paulo, Faculdade de Educação – USP, p. 145-156, 1986.

LAFFORD, Barbara A. **Spanish Applied linguistics in the Twentieth Century: A Retrospective and Bibliography**. Hispania: 2000.p. 711-732

LAGUNA, Patrícia. **Adquisición de aspecto por parte de Estudiantes de Español en un programa de inmersión**. 2008. Dissertação (Master of the arts for Teachers) – Department of World Languages and Cultures, Indiana University.

LIMA, J.M. **O uso dos presente simples e progressivo na expressão de futuro**. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística)- Curso de Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

LISKIN-GASPARRO, J. **Narrative strategies: A case study of developing storytelling skills by a learner of Spanish**. Modern Language Journal: 1996.p. 271-286.

_____. **The use of tense-aspect morphology in Spanish oral narratives: Exploring the perceptions of advanced learners**. Hispania: 2000. p. 830-844.

LOPEZ-ORTEGA, Nuria R. **Tense, aspect, and narrative structure in Spanish as second language**. Hispania: 2000.p. 488-502.

LYONS, John. **Introdução à Lingüística Teórica**. [Introduction to Theoretical Linguistics]. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Hélio Pimentel, São Paulo, Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1979.

MASIP, Vicente. **Gramática española para brasileños**. Barcelona: Difusión, 1999.

MATTE BON, Francisco. **Gramática Comunicativa del Español**, Tomos I e II. Barcelona: Difusión, 1992.

MATILLA, J.A.; SÁNCHEZ, Aquilino. **Gramática Práctica de Español para extranjeros**. 23ª ed. Madrid: SGEL, 2004.

MUÑOZ, D. y G. SOTO. 1999-2000. **Construcciones medias de alta transitividad en el español: un enfoque cognitivo-discursivo**. *Lenguas modernas*, vol. 27-26: pp. 185-208.

NEVES, M.H.M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NICHOLS, J. Functional theories of Grammar. **Annual Review of anthropology**, Vol. 13. p. 97-117.1984

NOGUEIRA, Márcia T. Considerações sobre o funcionalismo lingüístico: principais vertentes. In: **X Seminário do grupo de estudos Discurso e Gramática**. *Lingüística funcional: a interface linguagem e ensino*. Natal: EDUFRN/D&G, 2006, p.23-40.

NUNAM, D. **El diseño de tareas para la clase comunicativa**. Madrid, CUP, 1989

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Lingüística. In: **Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos**. v.3. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 165-218.

POTOWSKI, Kim. Tense and Aspect in the Oral and Written Narratives of Two-Way Immersion Students. In: **Selected Proceedings of the 6th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages**, ed. David Eddington: 2005.P. 123-136.

RAVAGNANI, F.R.; CATELAN, L. **Glossário de estatística**. 1ª Ed. São Paulo: Netra, 2002. 208p.

REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. **Elements of Symbolic Logic**. New York: Macmillan Company, 1947.

SALABERRY, R. **Tense aspect in verbal morphology**. *Hispania*: 2003.p. 559-573.

SALABERRY, Rafael & SHIRAI, Yasuhiro. **L2 acquisition of tense-aspect morphology**.

Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002.

SÁNCHEZ, Martín, MATILLA, J.A. **Gramática práctica de español para extranjeros.** Madrid: SGEL, 2004.

SANTOS, Ana Lúcia Esteves. En torno a la oposición perfecto/ indefinido: sugerencias para el tratamiento didáctico del tema en entornos lusohablantes de aprendizaje de ELE. In: **XIII Seminario de dificultades específicas de la enseñanza del español a lusohablantes.** Nuevos enfoques da la gramática en la enseñanza del E/LE. São Paulo: Embajada de España – Consejería de Educación, 2005, p.23-35.

SANTOS GARGALLO, Isabel. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera.** Madrid: Arco/Libros, 1999.

SECO, Manuel. **Gramática esencial del español.** Madrid: Espasa- Calpe, 2005.

SILVA, Gezenira Rodrigues da. **O aspecto verbal nas formas simples dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo no Português culto de Fortaleza: uma abordagem semântico-discursiva.** 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística)- Curso de Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SILVEIRA, Maria Inês Matoso. **Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino.** Maceió: edições catavento, 1999.

SPULDARO, Eliane Rauber. **A aquisição de distinções aspectuais em Português como segunda língua por falantes nativos de Inglês: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito.** 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

TORREGO, Gómez. **Gramática didáctica del español.** 2ª Ed. Madrid: SM, 2002.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy.** New York: University Press, 1967. (p.121)

VOTRE, Sebastião J. & NARO, Anthony J. **Mecanismos funcionais do uso da língua.** Rev. Delta vol. 5, nº 2, p. 169 – 184, 1989.

VIUDEZ, Francisco Castro. DIEZ, Ignacio Rodero. **Español en marcha – vol.04.** 2ª Ed. Madrid: SGEL, 2007.

WEINRICH, H. **Le temps.** Paris: Seuil, 1973.